

# I Concurso de Resenhas do Sindicato dos Escritores do DF

SINDESCRITORES



SINDICATO DOS  
ESCRITORES  
DISTRITO FEDERAL

## Índice

|   |    |
|---|----|
| Ana Beatriz Cabral.....                   | 3  |
| Com o diabo no corpo.....                 | 4  |
| Basilina Pereira.....                     | 6  |
| O fazendeiro.....                         | 7  |
| Denise Lima.....                          | 9  |
| @pontocom.....                            | 10 |
| Elias Daher.....                          | 12 |
| Por fora, bela viola.....                 | 13 |
| Genival Junior.....                       | 17 |
| A espera.....                             | 18 |
| Juvenil Tomás.....                        | 19 |
| A primeira missão.....                    | 20 |
| Loló Fonseca.....                         | 25 |
| A mãe, sua dor e uma camisola.....        | 26 |
| Maria Eugênia Souza de Athayde Nunes..... | 29 |
| A Dúvida.....                             | 30 |
| Milton Avelar de Carvalho.....            | 33 |
| O Paraíso de cada um.....                 | 34 |
| Nena Medeiros.....                        | 39 |
| Entre o Sonho e o Pesadelo.....           | 40 |
| Paola Rhoden.....                         | 43 |
| O Presidiário.....                        | 44 |
| Rubens Neco.....                          | 46 |
| O segredo.....                            | 47 |

## Ana Beatriz Cabral



Ana Beatriz Cabral nasceu em Piracicaba/SP e é brasiliense por opção. Casada, dois filhos. Desde cedo, a leitura e a literatura fizeram parte da vida. Vem construindo a formação acadêmica e a carreira profissional nos campos de ensino, literatura e políticas públicas para a educação básica. Graduada em Letras pelo Centro Universitário de Brasília (1986), possui mestrado em Literatura pela Universidade de Brasília (1998) e doutorado em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (2008). Especialista em políticas públicas e gestão governamental do Ministério do Orçamento e Gestão. Atualmente, trabalha no Ministério da Educação, como assessora. Tem poemas premiados em seleções nacionais, como o Prêmio Canon de Poesia de 2011 e da Revista Literária, do mesmo ano, além de contos publicados em veículos eletrônicos, como a Revista Varal do Brasil.

## ***Com o diabo no corpo***

Era fato. Já não podia mais negar. A queda de cabelo tornava-se mais evidente. De manhã, ao se levantar, quando olhava para o travesseiro amarfanhado, tufos do precioso fio estavam ali, inertes e abandonados. Era novo ainda, como poderia ficar careca se nem chegara aos quarenta! O pior eram as entradas no alto da testa. Às vezes, tinha a impressão de que se formavam dois pequenos calombos onde o cabelo mais caía. Olhava-se no espelho, examinava, pedia opinião à mulher, que, sonolenta, resmungava para que a deixasse dormir mais um pouco.

Aliados à calvície precoce, os hormônios deviam estar fazendo a festa, porque, se faltava em cima, em baixo, o pelo era abundante e espesso. Tão espesso que parecia começar já no final da espinha dorsal, no cóccix, fazendo um ninho entre o sexo e as coxas. Um horror estético, mas a mulher dizia que era virilidade em excesso. Realmente, sentia-se mais propenso às peripécias sexuais nos últimos tempos, disso não podia reclamar. Mas aquela desproporção capilar lhe incomodava. Seria a famosa idade do lobo? Decidiu procurar um médico. Um especialista que atendesse pelo convênio que a empresa oferecia.

No consultório, o doutor executou os procedimentos de praxe: olhou a garganta, mediu a pressão, fez algumas perguntas e diagnosticou logo – estresse. Receitou repouso, férias, se possível, e um relaxante leve, para aliviar a pressão. Voltou ao escritório com o atestado em mãos, nem se explicou muito. Tirou uma semana de folga. Não que se sentisse cansado, ao contrário, a disposição e o vigor aumentavam, e, talvez por isso, estivesse comendo mais que o habitual. Mas, afinal, eram recomendações médicas e, talvez, alguns dias no ócio fizessem efeito sobre a queda de cabelo que tanto o atormentava.

Nos dias em que se seguiram, pareceu-lhe que a careca se estabilizara, não percebia tantos fios no travesseiro como antes. Em compensação, a mulher reclamava do mau hálito constante, que não ocorria somente pela manhã, mas durante todo o dia, mesmo que escovasse os dentes frequentemente. Foi ao dentista. Tártaro. Uma boa limpeza e bochechos diários com o produto indicado resolveriam o problema, afirmou o profissional.

Ao retornar ao trabalho, os colegas de escritório faziam piada sobre a sua aparência, perguntavam e ele havia freqüentado um SPA para engordar, pois parecia mais gordo, o que o deixava com a figura mais baixa e encurvada. Diziam também que havia ficado em casa para vigiar a mulher, já que os chifres estavam crescendo... Ria das piadas. Era o que podia fazer, além de se examinar frente ao espelho e, infelizmente, constatar o que os colegas diziam. Era verdade. Estava mais arqueado e gordo, movimentava-se com lentidão. O cabelo, embora tivesse parado de cair, tinha deixado sua cabeça com uma forma estranha, indefinida, pois uma leve deformação na frente, no alto da testa, dava realmente a impressão de chifres brotando. Era algo que não conseguia adjetivar com precisão. Sabia apenas que estava horrível!

Procurou nas fotos de quando era bebê alguma semelhança entre o que foi e o que estava se tornando. Nada. Nenhuma pista. Tinha sido uma criança normal. Nem muito feia nem muito bonita. Apenas normal. A mãe, sempre protetora, pedia que ele largasse a vida desregrada que levava, que se alimentasse e dormisse nos horários certos e coisa e tal. A mulher, satisfeita com o fogo que o marido mostrava na cama, pouco se importava com a aparência dele. Aliás, achava que quanto mais feio, menos perigo de as mulheres

ficarem atrás dele e, então, o chamava, carinhosamente, de seu duende de estimação. Mas foram os filhos que finalmente mataram a charada.

Numa manhã de domingo, quando se preparava para sentar à mesa posta para o café, vestindo apenas o short do pijama, o filho mais novo, que observava seus movimentos, exclamou de repente – Pai, o senhor ta parecendo o diabo da Tasmânia, só que careca!!

Todos olharam para ele e num instante reconheceram a figura do desenho animado. Não era algo que realmente metesse medo, pois o corpo roliço emprestava-lhe trejeitos de um fauno barrigudo e, por isso, a risada foi geral.

Foi imediatamente olhar-se no espelho. Tinham razão de rir. Parecia mesmo uma figura demoníaca, meio estilizada – o corpo peludo da cintura para baixo, as pernas arqueadas como a de um bode, as saliências na testa e um hálito cavernoso. Era o próprio demônio. Mas, estranho, ao constatar o fato não lhe viera nenhuma sensação de pavor. Já tinha visto coisas mais horripilantes na televisão. Gostaria apenas de ter uma explicação para o sucedido.

Aproveitou a mesma manhã e foi à igreja, coisa que não fazia há tempos. Talvez, lá pudesse encontrar uma razão para o fato. O distanciamento espiritual certamente era a causa dessa situação. Procurou o padre para uma confissão. Este, com ouvidos já acostumados aos mais cabeludos relatos, não se espantou com mais um. Ouviu, fingindo atenção. Disse que talvez essa fosse a vontade do Senhor, pediu que se arrependesse de seus pecados, contribuísse com as obras da paróquia e rezasse três Pais-Nosso e outras tantas Ave-Marias. Aceitou a penitência em silêncio. Esvaziou o bolso e o coração. Após as orações, prometeu para si mesmo ser mais atencioso com a família e ajudar o próximo. Voltou leve para casa.

A aparência, no entanto, não se modificara com o fato de ter ido à igreja. Mas, também não tinha piorado. Pelo menos não tinha crescido um rabo, consolava-se com esse pensamento. A vizinhança nem tinha comentado tanto o assunto e as pessoas na rua sequer olhavam para ele com estranhamento ou algum tipo de medo. As crianças achavam engraçado e, por vezes, o seguiam até em casa, pensando se tratar de um novo personagem infantil da TV.

Um dia, por sugestão do chefe, foi procurar os cientistas da universidade. Lá, mediram, anotaram, tiraram uma amostra de sangue, de pelo, de pele. Pouco diziam. Que esperasse o resultado da pesquisa para o final do mês. Na data marcada, nada de conclusivo. Podia ter sido a poluição, a exposição aos raios solares, a água da piscina, excesso de cafeína, cigarro, insônia, celular, uso demasiado do computador, enfim, nada com que se preocupar. Se surgisse algo novo, poderia voltar.

Não surgiu nada novo. Não voltou. Levava a vida rotineira de sempre. Até a atividade sexual tinha diminuído. As crianças já não o seguiam mais e as piadas do escritório ficaram escassas. Era de novo uma pessoa comum que talvez nunca tivesse deixado de ser. A parte boa da experiência era que, de vez em quando, conseguia soltar um foguinho pela boca, pouco, é verdade, o suficiente para fazer sucesso nos churrascos familiares e deixar a picanha bem-passada, ao gosto da patroa. A parte ruim era que nenhum antiácido dava conta da queimação no estômago depois...

## Basilina Pereira



Basilina Pereira nasceu em Ituiutaba-MG, mas reside em Brasília desde 1983. É professora aposentada, advogada e poeta. Tem 3 filhas e 3 netos. Já participou de 20 antologias e publicou 4 livros, sendo 3(três) de poesia: QUASE POESIA (2009), JANELAS (2010) e TEMPO CONTRÁRIO, (2011) e 1 (um) romance SONHOS ANTIGOS, (2012).

Faz parte da Academia Feminina Espírito-Santense de Letras e da Academia Momento Lítero-cultural, cadeira nº 19. É membro correspondente da Academia Rio-Grandina de

Letras, da Academia de Letras e Artes de Goiás, da Academia de Letras e Artes Buziana e da Academia de Ciências, Letras e Artes de Vitória e também integra o quadro de Imortais da Academia de Letras do Brasil, seção DF.

Em 2012 foi agraciada com os prêmios: Acadêmico Cláudio de Sousa, concedido pela LITERARTE, por seu livro JANELAS e prêmio INTERARTE, concedido pela Academia de Letras e Artes de Goiás, pelo conjunto de sua obra. Em 2013 foi condecorada com o prêmio Altas Insígnias concedida pela Divine Academie Française des Arts, Lettres et Culture e Prêmio Luso Brasileiro – Melhores Poetas de 2012, concedido pela Editora OZ e a Associação de Poetas da Região Autônoma de Madeira-Portugal, prêmio LITERARTE DE CULTURA 2013 recebido em Foz do Iguaçu em 17.05.2013 e Destaque Poesia 2013, conferido pela Academia de Letras e Artes de Fortaleza.

Contato:basilina@brturbo.com.br.

## **O fazendeiro**

Era um homem sisudo, de poucas palavras, cenho sempre franzido como se carregasse toda a preocupação do mundo. Poucas vezes se permitiu alguma diversão. Quando isso acontecia, ele pegava a viola, afinava, e cantava algumas canções sertanejas, com voz forte e aguda que podia ser ouvida de longe. Ninguém o ensinou a tocar. Aprendeu de ouvido, vendo e ouvindo outros violeiros. Bastavam umas duas vezes, e ele já começava a dedilhar as notas, assim mesmo: por pura intuição. Quase analfabeto. Veio do nada, trabalhou muito e economizou mais ainda. Ficou rico. Dos nove filhos, os quatro homens frequentaram a escola por algum tempo. Bem pouco, o suficiente para aprender a ler e a fazer algumas operações matemáticas simples. As cinco mulheres não tiveram a mesma sorte.

\_ Mulher não precisa estudar. Se aprender a ler, só vai servir para escrever bilhetinhos para os namorados.

Criou a família no regime que lhe era próprio: poucas palavras, olhares carregados de repreensões. No seu modo de agir estava o exemplo a ser seguido: homem honesto, trabalhador, apegado aos bens, mais até que à família. Não agia por mal, pois assim fora talhado e a vida ensina e cobra o preço.

Depois de velho, cheio de fazendas, cabeças de gado e filhos analfabetos, viu-se ameaçado pelo cadastramento do INCRA. O governo queria saber o que cada um possuía, vejam que absurdo! Todo mundo especulava sobre o motivo de medida tão drástica e ameaçadora. Uns diziam ter ouvido no rádio:

- era para aumentar os impostos;

outros escutaram de fonte bem confiável:

- era para a tal reforma agrária;

e outros ainda iam mais longe:

- o Estado vai tomar terra dos que têm mais, para doar aos que não têm.

E, na falta de uma informação segura, que esclarecesse o que vinha a ser a exigência em questão, cada um elaborava a sua própria interpretação. Seria mesmo o tal comunismo?

Foi diante de fatos tão graves que ele resolveu ir até a cidade consultar um advogado. Saber o que poderia fazer para se livrar daquela ameaça, como agir caso não fosse possível se isentar de tal providência. Pelo menos adiar ao máximo.

Indicaram-lhe um escritório na periferia. Não era bem um advogado, mas quase. Pelo menos não cobrava tão caro pelo fato de não ter diploma, mas compensava isso com a sagacidade e a experiência. Sem falar nos seus contatos! Barão, como era conhecido o indicado, era íntimo dos donos de cartórios, dos funcionários do fórum, tinha trânsito livre entre eles, obtinha facilidades, agilizava procedimentos e o que mais fosse preciso.

Conversaram, e por uma quantia nada pequena, acertaram o serviço. Ele faria o melhor: iria à Capital, obteria informações precisas, faria contatos importantes e necessários, veria um jeito de protelar a inventariança dos bens e ele mesmo cuidaria de tudo.

- Essas coisas não se delegam!

Mais sossegado, o fazendeiro voltou ao trabalho. Agora, mais do que nunca, precisava de dinheiro para pagar o Barão, pois o que lhe dera fora apenas um adiantamento, para as primeiras providências.

Nas semanas e meses que se seguiram, estabeleceu-se um ritual de formigueiro: idas e vindas à cidade se amiudavam cada vez mais e não havia dinheiro que bastasse, pois, segundo o rábula, tratava-se de situação de grande dificuldade e, se não agissem com segurança, corria-se sério risco de vir um funcionário da Capital e aí não haveria como maquiagem as informações, para garantir o pagamento de menos impostos.

Sempre que voltava da cidade, mais uma ruga se instalava em sua testa. Eram as dúvidas que se sobrepunham. Parece que cada ação executada exigia outras tantas e nunca se via a possibilidade de um final satisfatório. Como é difícil não entender dessas coisas! Se os filhos tivessem estudado mais! Mas agora era tarde e o jeito era confiar e nunca deixar faltar dinheiro para o Barão resolver os imbróglios lá na Capital.

Nesse ínterim, uma dor no peito veio acordá-lo no meio da noite. Assustado, contratou carro de praça e rumou para a cidade. O assunto era mais sério e a recomendação do médico foi:

- Melhor ir para um centro maior, onde os exames são mais esclarecedores.

Foi e voltou com o diagnóstico: início de infarto. Mas, se ele tomasse os remédios e fizesse um certo regime, ficaria bom. Era preciso mudar alguns hábitos, mas nada tão difícil que não pudesse ser feito.

- Mudar o quê? A essa altura da vida não se muda mais nada!

Ninguém soube qual foi o impacto das palavras do médico, nem se elas se somaram às preocupações antecedentes. Sempre fora um homem valente e alardeava não temer a morte. Doença, sim, era o seu temor maior: ficar inválido, depender de outras pessoas para caminhar, para comer, não poder mais andar a cavalo, nem percorrer as propriedades no lombo da mula como fazia todos os dias.

Naquela noite, foi deitar-se sem afinar a viola, sem fumar o cigarro de palha e sem ouvir o seu programa de notícias na Rádio Nacional. Antes de pegar no sono, beijou a esposa de lado, como não fazia há muito tempo. No outro dia, quando o mudinho que morava nos fundos acordou, encontrou-o pendurado numa corda presa ao pergolado que servia de anteparo ao pé de chuchu.



## Denise Lima



Nasci em Amparo, São Paulo, mas costumo dizer que minha matriz é baiana. Atualmente, moro em Brasília, DF. Na capital brasileira, sou advogada e professora da rede pública de educação. Sou também estudante do programa de Doutorado em Educação, cujo objeto de pesquisa é direitos humanos e educação. Investigo a discriminação e o preconceito raciais nas escolas e a implementação da Lei Federal n.º. 10. 639/2003. Participei das edições 34 e 35 dos cadernos negros. Além dessas publicações, tenho poemas e artigos publicados em coletâneas diversas e revistas científicas nacionais e internacionais, tais como: ECcos (Brasil); Prisma Jurídico (Brasil); Educere (Mérida/Venezuela); Rayuela (México); Interações (Portugal); entre outras.

[advdenise@yahoo.com.br](mailto:advdenise@yahoo.com.br)

**@pontocom**

Quando surgiram os primeiros computadores caseiros, por volta de 1984, as redes sociais existentes ainda eram a igreja, o clube, as “peladas” aos fins de semana, a sala de aula e até mesmo a empresa. De qualquer modo, em quaisquer desses espaços, caso quiséssemos, compartilhávamos interesses. De lá para cá, não só os computadores se modificaram, também as redes sociais, surgidas nos finais dos anos 90 e início do século XXI, cresceram via internet.

De modo que, em 2002, Abenise não sossegou enquanto não adquiriu um modelo de microcomputador. Toda novidade a agradava e essa, particularmente, a fascinava, por isso não tinha dúvidas: \_ Na próxima compra, terei meu computador. Não sabia exatamente como e qual escolher e foi tirando dúvidas aqui e ali, buscando informações com pessoas mais experientes na área para eleger o mais adequado: \_ O meu modelo, como costumava dizer. Agradou-lhe muito um modelito Fujitsu Siemens. Quando o trouxe para casa, tratou-o como um filho recém-nascido: aconchego e alimento. Deu uma “geral” no quarto, ajeitou uma mesa, cadeira e a iluminação. Estava pronto o cenário para o começo de uma nova era.

Tinha pressa, mas mantinha-se tranquila, pois não queria que sua ansiedade habitual atrapalhasse seus planos. Assim, matriculou-se em um curso de Informática e, todas as segundas, quartas e sextas, partia feliz. Lá estava ela, frente à máquina, p-o-d-e-r-o-s-a. Aprendia e anotava. Tudinho. Curiosamente, registrava-os um a um todo e qualquer apontamento. Seu Moacir, seu instrutor, a advertia:

- Não necessita escrever tudo, Abenise.

E ela respondia, suavemente:

- Ah, preciso sim. Deixe-me, deixe-me.

Não precisa dizer que quando terminava a aula, corria para casa e, sozinha, repetia passo a passo, caderninho ao lado, todo movimento. Errava, repetia. Quando tinha dúvidas, ia logo ao caderninho escrever: \_ Perguntar ao Moacir como...

Após, mais ou menos seis meses, Abenise já sabia realizar vários comandos no micro.

Estava no auge do aprendizado, já tinha criado um e-mail amorabenise@pontocom. E orgulhosa de sua escolha, repetia: \_ Lindo! Adaptava-se, cada dia mais rapidamente às demandas de seu bebê. Este, por sua vez, parecia, cada dia mais condescendente, mais domado (quanta felicidade!). É verdade que de vez em quando, tal qual um filho mimado travava. E aí ela já sabia: \_ Não quer conversa, né? Oh!, meu bebê, faz isso não, vai!? Funciona, vai, só um pouquinho... vai, vai, tô mandando... Buscava controlar-se, pois tinha ali um amigo, um grande aliado, mas não lidava muito bem com isso. Pensava, fazia contas e, percebia o prejuízo:

- Tenho 230 e-mails para ler, responder, e, ainda prometi hoje enviar... P! Hum... Já sei! Vou chamar o técnico para vim dar um jeito no menino. Vem o técnico e explica: \_ A máquina está carregada, tem vírus, tem que levar... Nesta hora, teve certeza que era

mesmo um filho: \_ Tem até que ir tratar-se. Aliviou-se, não era birra que o menino tinha, era doença: \_ E doentinho, ninguém funciona, né, moço? O menino curou-se voltou para casa e até parecia mais esperto: \_ Não sei o que fizeram com você, mas que está bem melhor, isso tá. E, assim, divertia-se neste convívio.

Não demorou muito e Abenise estava cada dia mais serelepe. Após dois anos, chegou a rede Orkut. Não pestanejou, criou, rapidamente, um perfil e adicionava conhecidos e desconhecidos. Mediante as críticas, comentava alegre: \_ Por que não? Quero mais e mais amigos, convencia-se da própria fala. Porém seu filho já dava sinais de esgotamento e sua paciência ia se exaurindo. Dizia: \_ Parece um velho, como pode? Assim foi que descobriu que precisava pensar na possibilidade de mandar seu menino embora ou pior: trocá-lo. Que decisão difícil!

Demorou cinco minutos e respondeu: \_ Pode levar, disse sem correr uma lágrima. Saiu a máquina por uma porta e Abenise pela mesma porta em direção às lojas para adquirir um novo modelo: a única exigência: \_ Resistente!

- Como é que é?!

- É que me aguente por muito tempo...

Assim que a máquina chegou a sua casa, tentou ajeitá-la no mesmo cantinho da outra. Uma pontinha de saudade passou... Então, resolveu colocá-la em outro lugar, não queria nadinha que lhe aporrinhasse naquele momento. Aguardou ansiosa a instalação completa do micro. E, quando terminou, sentou-se, frente à máquina: percebeu que agora a dominava e suspirou: \_ Dominante X dominada. Nada mais de relação materna.

Felicíssima prosseguia entre as redes sociais. Todas, agora, estavam sob seu domínio:

Orkut, Facebook, Twitter, e Google e Blogs e... Divertia-se, tal qual criança quando ganha um brinquedo novo, quando descobria um aplicativo. Skype, You tube, quanto mais intimidade mais prazeroso. Ria de si mesmo, brincando de ser criança outra vez. E, foi quando brincava que sentiu uma dor muito forte. Como não temia médicos, foi à busca de um, de outro e mais outro. Descobriu-se com câncer: M-E-T-Á-S-T-A-S-E-S.

Não abandonou as redes, nem os amigos. Publicou:

- Conto com todas e todos queridos amigos para realizarem uma corrente de oração suplicando a Deus que dirija seu olhar para mim, esta serva octogenária do Senhor, para trazer-me coragem, saúde, força e fé, fortalecendo-me neste momento. Estou saindo de cena, desta cena. Continuarei com vocês até partir. Agradeço a cada um de vocês pelos caminhos navegados, desejo-lhes muito amor. Estarei conectada em outra dimensão.

## Elias Daher



Elias Daher é poeta nascido em Brasília, de 49 anos. O mais novo de uma família de quatro irmãos. Seus pais vieram trabalhar na construção da nova capital. Economista de formação, concluído na UDF em janeiro de 1990 e Analista de Sistemas, formado pela ENAP em 1994. Trabalha nos Correios desde 2005 e atua como Professor universitário, das disciplinas de Economia I e II e Mercadologia. Tem 16 livros publicados, é atual Presidente do Sindicato dos Escritores do Distrito Federal, em segundo mandato e membro da Academia de Letras do Brasil, onde ocupa a cadeira nº 3. Pai de Amanda Maria, de 14 anos, também escritora, com 4 livros publicados.

## ***Por fora, bela viola***

Muitas vezes, o oprimido não se contenta em se livrar da opressão que sofria. Ele quer devolver, oprimindo outro alguém... igualmente inocente.

O Presidente da República, Arthur Werneck, acaba de renunciar!

O País acordou com esta notícia, vinculada em todos os canais de TV, estações de rádio e redes sociais. A população, incrédula, foi para as ruas com um misto de tristeza e indignação. Por que isso agora? Afinal, ele estava mudando o País para melhor.

Dois meses antes, diante de ampla aprovação popular, o Presidente fechou o Congresso Nacional e todas as câmaras estaduais e municipais: Há muitos anos que não saia nenhum projeto relevante daquelas casas, somente denúncias de corrupção e mau uso do dinheiro público.

Arthur começou sua vida pública como Deputado Federal, quando costumava levar para o plenário, pedaços de asfalto que se soltavam das avenidas, para demonstrar a incompetência do governo local. Por esta notoriedade, foi eleito Presidente da Câmara. Em sua gestão, os projetos eram colocados pauta, por ordem de chegada. Não pedia cargos públicos em troca de votações ou engavetamentos. Este procedimento desmanchou os feudos e máfias que existiam na casa legislativa e em pouco tempo, os parlamentares começaram a protestar explicitamente: em represália, passaram a trabalhar apenas de terça a quinta, usavam toda a verba de representação que tinham direito, independentemente de tê-la utilizado e para completar, empregavam parentes fantasmas em seus gabinetes.

Alguns deputados organizaram bancadas informais para que pudessem trocar seu poder de voto, por cargos no governo federal. Para demonstrar que estavam dispostos a tudo, conseguiram aprovar a execução automática das emendas parlamentares. O poder legislativo tinha se transformado em um antro de podridão, que piorou quando Arthur se desvinculou para se candidatar à Presidência da República. Nesse momento, a farra se intensificou, com reformas silenciosas nos gabinetes e apartamentos funcionais, almoços milionários que eram pagos com o dinheiro do contribuinte, entre outros abusos.

Seu último projeto transformava todos os cidadãos em doadores de órgãos, a menos que dissessem o contrário, ou que a família impedisse. Esta medida eliminou as filas por transplantes. Para conseguir aprovação, Arthur convocou os holofotes da imprensa. Ele sabia que desta forma, a Câmara teria que aprovar, pois não tinha argumentos para se opor a um projeto desta importância. E com o barulho provocado no lançamento, não corria o risco de alguém requisitar a autoria do projeto para si, como era comum, naquele ambiente.

Com a ampla divulgação, Arthur ficou conhecido como amigo dos pobres, com uma previsível vitória pela frente, pois seus adversários, não tinham o mesmo carisma, nem o mesmo prestígio, junto à população.

Como Presidente eleito, sua primeira medida foi corrigir a falta de serviço nas repartições públicas. A gestão anterior tinha criado 39 ministérios, não para prestarem serviços à população, somente para receber os indicados da base aliada, e claro, produzirem caixa ilícito para os partidos se perpetuarem no poder. 39 Ministérios, sendo que mais da metade não tinha nenhuma função relevante. Antigamente, um Ministro não podia demitir um secretário, porque ambos estavam ali por causa de indicações de outros políticos. Cada um tinha a sua própria força de apadrinhamento. O conflito entre estas forças políticas, inviabilizava o funcionamento do serviço público.

Os órgãos públicos nada mais eram do que uma grande lan house, com servidores navegando pela internet durante o expediente. A maioria chegava com atraso, saía mais cedo, e produzia pouco.

O mau funcionário sempre contou com a proteção da estabilidade: fazendo certo ou errado, fazendo ou deixando de fazer, ele estava garantido ali.

Além da ineficiência, ao longo dos anos, o serviço público se tornou desigual. Funcionários do poder legislativo receberam aumentos salariais e benefícios que as outras categorias não receberam. Funcionários do Judiciário mudaram por conta própria, seu horário de trabalho. Alguns integrantes do executivo, vivem em greve (Para se formar em determinadas universidades, leva-se o dobro do tempo).

Por fim, os feudos criaram burocracias que atrapalham o desenvolvimento. Para se abrir uma empresa, era necessário tirar tantos documentos e de uma forma tão complexa que a via mais fácil era subornar o servidor do governo, e para isso tinha até tabela.

Para abrir uma microempresa, tinha que presentear o funcionário com uma bicicleta  
Para abrir uma empresa de porte médio, duas bicicletas, porque envolvia outro setor  
Para abrir uma empresa de grande porte, um carro popular  
E por fim, para abrir uma multinacional, uma land rover, mas podia ser do modelo mais simples.

Arthur sabia que ia criar desafetos se assumisse este desafio sozinho. Por isso, criou comissões colegiadas com representantes de diversas categorias, tudo auditado por equipes independentes e com veiculação obrigatória pela imprensa. Desta forma, ele conseguiu garantir estratégias públicas isentas, porque até aquele momento, toda decisão pública favorecia determinado segmento, devido à ação inescrupulosa dos lobistas, mas depois desse dia, esses “profissionais” tiveram que se mudar para os Estados Unidos.

Para conter o caos no trânsito das grandes cidades, Arthur propôs o expediente escalonado para o Serviço Público. Determinados órgãos começavam o expediente as 06h e terminavam 17h. Outros, começavam às 07h e terminavam 18h. E um terceiro grupo começava às 08h e terminava 19h. Assim, foi resolvido o problema da concentração de carros em horários de pico. As faixas exclusivas passaram a permitir o trânsito de automóveis de passeio, desde que tivessem com 02 ocupantes ou mais. Isso acabou com os engarrafamentos.

No campo da legislação, sem o congresso para atrapalhar, em 15 dias, Arthur aprovou uma Lei para conter o uso do telefone celular no trânsito: quem fosse pego utilizando o aparelho enquanto dirigia, tinha o CPF registrado e ficaria sem celular durante 3 meses. Todas as operadoras eram notificadas. A pena ia dobrando a cada reincidência, além da multa.

Policiais a paisana circulavam pelo trânsito para multar em silêncio, aqueles que mudam de faixa sem sinalizar, os que jogam lixo pela janela do carro, entre outros meliantes que atrapalham o trânsito. Atrapalhavam. – O aumento da arrecadação deu para produzir asfaltos de melhor qualidade, ruas e avenidas mais seguras.

O sistema penitenciário foi outra questão totalmente esquecida pelos governos anteriores. Superlotação nas celas, Superfaturamento nas contas e a total falta de controle das autoridades, pois no interior do Pará, uma menina de 13 anos ficou um mês presa em uma cela com 20 homens adultos. Arthur construiu cadeias de segurança em que os detentos não tinham contato com o mundo externo. Assim, armas, drogas, celulares, não chegavam “de forma inexplicável” aos presídios. Contato com advogados e familiares, só por telefone, e com a conversa devidamente gravada. Se quisessem conforto, não deviam ter se entregado à prática de crimes.

No entanto, a vida dos presos ganhou decência e dignidade. Aqueles menos perigosos, que praticaram crimes menores, tinham direito a visita, banho de sol e contato direto com advogados.

Todos os presidiários tinham que trabalhar. (1/3 de sua renda ia para a manutenção do presídio. 1/3, ia para a família e 1/3 era guardado na poupança, para que o presidiário tivesse uma reserva quando saísse dali). Em um ano, os presídios foram diminuindo, alguns foram até transformados em feiras de artesanato.

Por fim, Arthur encontrou uma legislação confusa, muitas vezes divergente e com mais de cinquenta remédios jurídicos. Quando todo mundo pensa que o processo transitou em julgado e estão esgotadas as possibilidades de recurso, existia o “Embargo declaratório”, para tentar anular a decisão. E para quem pensa que o recurso se esgotou aí, existia o “Embargo infringente”, para questionar o indeferimento do “Embargo declaratório”. Mas é claro, só os ricos e influentes sabiam disso. A lei não era a mesma para todos.

Havia uma legislação específica para agressões a homoafetivos, outra para afrodescendentes, outra para a violência contra a mulher. Arthur chamou em seu gabinete, 30 juristas, entre juízes, promotores, advogados, professores e estudiosos e perguntou:

- Quanto vale a vida de um vascaíno? Vale mais ou menos do que a vida de um homossexual? Os juristas ficaram calados, pois não sabiam o que responder. A partir dali, criaram a legislação única que protegia o ser humano, fosse ele quem fosse, de agressões gratuitas.

Tudo parecia se encaixar, nas políticas sugeridas pelo Presidente. Em seu terceiro ano de mandato, ele ainda andava em um fusca azul, sem estar acompanhado por seguranças e sem gastar um centavo do dinheiro público, que não fosse do seu salário.

Tudo muito bem construído, baseado em uma única premissa:

|   |
|---|
| Preferência ao coletivo, em detrimento do individual. |
|---|

No entanto, os conselhos locais passaram a privilegiar o desenvolvimento em suas regiões, ou recebiam dinheiro extra, em troca de favores políticos. Em pouco tempo, os comerciantes descobriram uma forma de reduzir o repasse do dinheiro dos impostos e a

corrupção desta vez, começou na base. Segmentos populacionais que foram roubados, se sentiram no direito de reaver o prejuízo.

Arthur pretendia que o funcionamento de seu país fosse semelhante aos trens europeus. Não há coleta de bilhete na entrada, mas se o fiscal, durante a viagem, pedir a comprovação de pagamento e ela não for entregue, a multa é de 130 vezes o valor da passagem, além da prisão imediata.

Na prática, ele percebeu que em pouco tempo, iria entregar um governo tão ou mais corrupto do que aquele que tinha recebido. Sentia-se culpadamente vencido.

Os discursos de transmissão de cargo foram curtos, mas expressivos. No pensamento de Arthur, a população foi salva das garras inescrupulosas dos maus agentes públicos, no entanto, descobre que a fábrica de corruptos está no seio da população.. e continua produzindo... acha que seu País não tem jeito. E se limita a dizer umas poucas palavras:

- Eu achava que a política era a segunda profissão mais antiga. Hoje vejo que ela se parece muito com a primeira.

Entregou a faixa ao seu sucessor, Álvaro Pinto, o vice-presidente, que assumiu o cargo com o seguinte discurso de posse:

- Nosso País atravessa outra crise de honestidade. Daqui pra frente, direitos humanos serão apenas para humanos direitos.

\* A frase dita pelo Presidente no ato de renúncia foi dita originalmente, por Ronald Reagan

\*\* A Frase dita pelo Vice que assumiu a Presidência, foi dita pelo artista, Álvaro Rolla



## Genival Junior



Genival Junior, nascido em Santa Terezinha – PE chegou a Brasília aos três meses de idade. É grato a Deus por ser filho de Genival e Tereza, irmão de Coinha, estar casado há 15 anos com Rosi e ser pai de Bianca. Palestrante, compositor, escritor, empregado dos Correios e com uma mente 24 horas em ebulição. Graduado em Administração, especializado em Gestão de Pessoas, Gestão de Negócios e Gestão Hospitalar. Autor do livro Construindo Dias Melhores.

## **A espera**

Ana caminha de um lado para o outro. Olha o relógio na parede, é um misto de impaciência e ansiedade. Vez por outra desliza as mãos pelo vestido preto com corte que realça suas curvas sem a deixar vulgar, uma roupa adequada à ocasião.

Ela fica a idealizar André. Altura, cor dos cabelos, como será o seu dia-a-dia; se chega cedo ao trabalho, se sai tarde já cansado louco para chegar em casa e dormir; ou se aprecia fazer algo depois do trabalho; o seu humor, o humor é importante pensa ela.

Perdida em seus pensamentos lembra dos conselhos de sua mãe:

- Filha não vá transparecer ansiedade.

- Isso é uma via de mão dupla, ele tem que gostar de você, mas você tem que gostar dele também ou não dará certo.

- Lembra da tia Cidinha, foi toda afoita, queria porque queria. Duraram três meses contadinho, nem mais um dia. Se você não gostar da conversa parta para outra.

Olhou mais uma vez para o relógio, com certa impaciência. Porque estará tão atrasado?

Será que não esta dando importância? Ao telefone ele parecia tão interessado, disse queria vê-la o quanto antes.

Foi até a janela e ficou observando o vai e vem na rua. Quantas dessas pessoas estão querendo o mesmo que eu? Questiona-se. Este é um desejo que mais cedo ou mais tarde vai nascer em cada um, ou devia ser assim, porque o tio Francisco nunca se interessou, tanto é que até hoje vive na barra da saia da vovó.

Distraída, ainda olhando pela janela, começa a falar “pensar em voz alta”:

- Eu sou simpática, comunicativa, me relaciono bem com as pessoas, sou cumpridora de meus deveres. É certo que tenho muito a aprender, mas André com a experiência que tem vai poder me ajudar. Tenho certeza que ele não terá motivos para se arrepender ao me escolher.

De repente Ana é arrancada de seus pensamentos por ouvir um pigarrear na sala. Ela vira-se com expressão de surpresa provocada por não ter percebido que alguém havia entrado na sala e pergunta:

- Senhor André? Esta aqui há muito tempo?

André calmamente responde:

- O suficiente para ouvir você descrever suas qualidades, o que nos fez ganhar tempo, pois já me convenceu, sente-se vou lhe falar sobre nossa empresa, salário e benefícios, se estiver dentro de suas expectativas você começa na segunda.

## Juvenil Tomás



Esta é uma foto do meu corpo - ou pelo menos parte dele - mas ele não é tudo que sou. Embora cuide dele com o maior carinho, sei que ele é só uma parte do que SOU. Meu SER é maior, meu Ser é corpo, mas também é minha mente. Meu Ser é minha mente, mas também são meus pensamentos. Meu Ser são meus pensamentos, mas também são minhas emoções. Meu Ser são minhas emoções, mas também é minha consciência. Meu Ser é minha consciência, mas fundamentalmente é meu Espírito. Meu Ser é como o seu Ser, Meu Ser é Universo, meu Ser é Luz, meu Ser é parte de Deus.

Sou também: Administrador com especialização em Marketing; Trabalho na Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos - ECT e; Resido em Brasília, no Planalto Central do Brasil.

Participar e contribuir para o despertar de uma nova consciência na Terra, este é o objetivo do lançamento da série de livros, Os Diamantes Azuis – Volumes I a V e do livro A Lei Universal da Atração – O Segredo para você SER, TER ou FAZER o que quiser.

### OS DIAMANTES AZUIS: Volume I – PLANETA LUZ

As primeiras e emocionantes experiências de vida em uma nova dimensão.

Os Diamantes Azuis formam um grupo de pessoas, pertencentes à mesma família cósmica, que se encontram e se unem em um novo patamar de vida, após a vida física na Terra e são chamados para executar diversos trabalhos, não só na Terra, mas também em outros pontos do Universo.

### A LEI UNIVERSAL DA ATRAÇÃO

O Segredo para você Ser, Fazer ou Ter o que quiser.

Você atrai tudo que te acontece, você escolhe entre Saúde ou doença, pobreza ou riqueza, paz ou ansiedade, bons ou maus relacionamentos.

Conheça os Princípios da Lei Universal da Atração e coloque-a a trabalhar sempre a seu favor, criando sempre positivamente.

### OS DIAMANTES AZUIS: Volume II – O RESGATE

Enviados por São Miguel para cumprir uma intrincada e penosa tarefa, os Diamantes Azuis embrenham-se em ermos extremamente distantes, isolados e hostis do Universo. A coragem, fé e perseverança do grupo são exaustivamente colocadas à prova.

Os volumes III a V estão em preparação

## ***A primeira missão***

Tobias acordou e percebeu que, estranhamente, dormira sobre uma pedra, uma grande pedra preta que se destacava do solo, não era muito lisa, mas tinha uma bancada que se assemelhava a uma cama. Apesar daquela estranha cama, sentia-se muito bem, descansado, como se tivesse dormido confortavelmente por um bom tempo. Levantou-se e olhou em volta, era um vale muito bonito, recoberto de capim verde, entremeado de grandes e proeminentes pedras, não era grama, era uma espécie de pastagem para animais, bastante regular com mais ou menos dez centímetros de altura, só era mais alto em volta das pedras como se a emoldurá-las. Mais abaixo, após um suave declive, corria um caudaloso rio.

Respirou fundo, sentiu o frescor da brisa e da relva que o rodeava. O ar puro, fresco e aromatizado enchia e massageava seus pulmões que se expandiam gostosamente, captando o oxigênio límpido e alimentando suas células com aquele gás benfazejo. Um pequeno arbusto ao seu lado o saudava com suaves movimentos de seus galhos. De algumas folhas pendiam brilhantes gotas de orvalho que se tornavam pequeninos sois refletindo os matutinos raios do astro rei.

Reconheceu parcialmente aquele lugar, lembrava-se vagamente dele como um vale à beira de uma estrada que passava muitas vezes quando era criança e era candieiro – o guia dos bois - do carro de boi de seu pai. Ops! Não tinha aquele rio ali, era apenas um grotão, algo estava diferente.

Não se lembrava de como havia chegado ali. Olhando para o lado mais alto, viu algo parecido com uma barraca de camping bastante grande, de onde saíram duas pessoas ao seu encontro, ficou um pouco assustado, pois se trajavam de modo estranho com vestes parecidas com soldados do antigo Império Romano. Chegaram à pequena distancia e ficaram parados. Tobias perguntou:

— Que lugar é este? — Eles não responderam, Tobias insistiu: — Há quanto tempo estou dormindo sobre esta pedra? — Um deles finalmente respondeu: — Vinte e dois anos.

— Vinte e dois anos? — Repetiu ele incrédulo — Isto não pode ser! Ninguém dorme vinte e dois anos, muito menos sobre uma pedra.

Eles nada responderam. Tobias sentiu um calafrio e começou a perceber que algo muito diferente estava acontecendo, sentindo um forte tremor nas pernas, sentou-se novamente na pedra e exclamou: — Meu Deus! O que aconteceu? Que lugar é este?

Reanimando-se do choque inicial aproximou-se novamente dos dois, digamos, “soldados”, dizendo: — Por favor, digam-me que lugar é este? O que estou fazendo aqui?

Eles responderam apenas: — Vá trabalhar. - Tobias estava muito confuso e perguntou: — Trabalhar? Como? O que devo fazer? - Eles apenas repetiram: — Vá trabalhar.

Ele insistia e fez inúmeras perguntas, mas os dois só respondiam aquilo — Vá trabalhar — Depois de algum tempo começaram a irritar-se e o ameaçaram com uma chibata. Tobias então se afastou dos dois, caminhando em direção ao rio. Logo percebeu que próximo à margem havia mais pessoas: estavam ocupadas cada uma fazendo alguma coisa, umas cortavam madeiras, outras cavavam buracos. Ficou observando o que faziam e ficou ainda mais atordoado.

Um homem descia o pequeno rio montado sobre um tronco de árvore, chegava a certa altura descia dele e subia o rio arrastando o tronco com grande dificuldade, depois montava no tronco e descia novamente até a mesma altura que descera antes e voltava a

subir arrastando o tronco. Vezes sem conta descia o rio, vezes sem conta o subia novamente, por dias a fio, anos talvez.

Outro cavava um grande buraco e em seguida cavava um segundo enchendo o primeiro com a terra deste. Então apanhou um machado que estava disponível, aproximou-se de um homem que cortava um tronco e perguntou: — Posso te ajudar?

O homem respondeu: — Se quiser pode cortar aí — Indicando onde Tobias deveria trabalhar. Ele começou a cortar o tronco e os dois guardas se afastaram. Então tentou conversar com o homem: — Que lugar é este? — Não sei. — O que vocês estão fazendo?

— Também não sei, só mandaram trabalhar, não explicaram nada, se alguém fica parado ameaçam castigar, se está fazendo alguma coisa, seja lá o que for, nos deixam em paz. — Há quanto tempo está aqui? — Bastante tempo.

Observou o comportamento dos guardas e dos trabalhadores. Se alguém ficava parado era ameaçado e instigado a trabalhar, porém não se dava nenhuma orientação nem exigência quanto ao trabalho, podia-se fazer qualquer coisa, desde que estivesse em atividade.

Ao fim do dia acenderam uma pequena fogueira ao centro do local onde estavam e adormeceram ali mesmo. Tobias tentou conversar com alguns que demoraram um pouco mais a dormir, mas não obteve nenhuma informação importante, todos estavam atordoados, não sabiam onde estavam, nem o que estavam fazendo. Já haviam entendido apenas que deveriam estar em atividade, fazendo alguma coisa.

Entre tantas coisas estranhas e não explicadas, estava o fato de não sentirem fome, lembrou-se que não comera nada durante o dia, observou que alguns comeram algumas frutas, também não sentia sono, porém deitou-se e ficou observando as estrelas e exclamou:

— Meu Deus! Alguma coisa muito forte, muito significativa aconteceu, será que é o que estou pensando? - Depois de algum tempo, acabou adormecendo.

No dia seguinte resolveu começar nova atividade, junto com novo parceiro, pegou uma escavadeira e começou a cavar um buraco próximo ao homem que observara no dia anterior, tentando conversar com ele:

— Qual é seu nome meu caro? — Carlos. — Você sabe que lugar é este? O que estamos fazendo aqui? - Sem parar de cavar, Carlos respondeu:

— Não temos certeza de nada, ninguém explica nada. Mas você já ouviu aquela expressão “passar desta para melhor”, “subir para o andar de cima” ou algo parecido? Acho que foi o que aconteceu conosco, meu caro.

Tobias sentiu um grande tremor, suas pernas fraquejaram, ele caiu de joelhos e começou a chorar. Já tivera aquele pressentimento antes e agora era praticamente confirmado pela observação do companheiro. Carlos o amparou dizendo: — Calma! Não tenho certeza de nada.

— Mas eu acho que você está certo, isto aqui é muito diferente de tudo que já vi. Nós não sentimos fome, já vi alguns comendo frutas, mas parece ser mais por hábito.

— É verdade! Eu também como às vezes, sinto o sabor, são muito boas, mas acho que se não comer também não me fará falta. - Tobias mudou um pouco a conversa:

— Carlos, se realmente estamos em um novo estágio da nossa vida e estamos aqui, deve haver algum propósito. — É muito estranho, ninguém nos orienta, já estou aqui há bastante tempo e outros há mais tempo ainda e não sabemos o que fazer.

Durante o restante do dia pensou muito, tentando entender o que estava acontecendo e, principalmente, no propósito daquele grupo estar ali. Comeu algumas frutas, eram realmente muito saborosas.

À noite os guardas se afastavam e eles ficavam mais à vontade, podiam conversar ou dormir se quisessem. Tobias se aproximou daquele homem que vira descendo e subindo o rio diversas vezes, com o tronco de madeira:

— Como é o seu nome? — João. - Fez todas as perguntas de praxe, João também nada sabia, mas não desconfiava que pudesse ter morrido, achava que aquilo era uma prisão.

— Se isto é uma prisão, por que ninguém tenta fugir? - João começou a chorar e falou com a voz embargada: — É horrível! - E por pouco não conseguia prosseguir.

— O que é horrível? — João enxugando os olhos prosseguiu: — Eu já tentei fugir. Cara, é uma coisa horrível, surge uma grande escuridão e um grande medo e sentimentos de horror se apoderam da gente. — Da gente? Havia muitos? — Eu tentei sozinho, outros já tentaram em grupos, todos dizem a mesma coisa.

Tobias ficou novamente sozinho. Andou pelo acampamento observando. O acampamento era iluminado pela luz da pequena fogueira e muitos dormiam em volta dela. Começou a distanciar-se da luz, não tinha a intenção de fugir, mas apenas de verificar as informações de João. À medida que avançava a escuridão se tornava mais intensa, a vegetação mais fechada e agressiva com densos espinheiros. De súbito surge um grande temor de não conseguir mais voltar, a fogueira parecia ter se distanciado repentinamente e era um pequeno ponto de luz longínquo em meio a grande escuridão.

Tentando voltar, percebeu que estava dentro de um espinheiro e a fugidia luz da pequena fogueira era de parca valia, a escuridão era assombrosa. Começou a rezar fervorosamente e pensou: — Tenho que me acalmar senão não consigo sair deste espinheiro — com muito cuidado e movimentando-se aos poucos foi livrando-se do espinheiro esgueirando em direção à fogueira. Ao retornar percebeu que estava com diversos arranhões e sentia algum incômodo como se fosse dor, mas era uma dor diferente. Todos já dormiam, ele deitou-se e ficou contemplando as estrelas, o céu estava limpo e lindamente coroado de estrelas brilhantes. Procurando mais atenciosamente não conseguiu identificar nenhuma das constelações conhecidas.

A noite foi longa, Tobias não conseguiu dormir, pensou muito e tomou uma decisão, que poria em prática logo que amanhecesse. O dia amanheceu nublado, mas as nuvens não eram muito espessas, havia algumas fendas por onde entravam reluzentes raios de sol que se estendiam longamente pelo horizonte, como se fossem os dedos de Deus abraçando e aquecendo a terra.

Tobias aproximou-se de Carlos e disse: — Carlos! Quero fazer algumas coisas e preciso da sua ajuda. — Minha ajuda? Nunca vi isto por aqui, porém, desde que não me complique com os guardas, tudo bem. — Não vai lhe complicar, você continuará fazendo a mesma coisa, só que cavará os buracos nos lugares que eu indicar e os deixará abertos. — Tudo bem.

Pegou uma vara de madeira mediu dez palmos, o que dava aproximadamente dois metros, escolheu o primeiro ponto e traçou uma linha imaginária perpendicular ao rio passando ligeiramente acima do local da fogueira. Pediu a Carlos:

— Para cada sinal que marcamos, preciso que você cave um buraco de aproximadamente um metro de profundidade por quarenta centímetros de largura.

Desceu ao rio e procurou João: — João! Notei que você gosta de trabalhar com madeira e está há muito tempo transportando este tronco. Preciso de sua ajuda para fazer um trabalho um pouco diferente.

Tobias começou a correr ladeira acima. Mais uma surpresa! A cada passo mais forte que dava, seu corpo subia quase voitando no ar e demorando bem mais que o normal para voltar novamente ao chão. Tobias lembrou-se do andar dos astronautas na lua, com pouca gravidade eles brincavam andando em grandes passos ou mesmo em saltos. Suspirou e pensou: - Novidades, novidades e mais novidades.

Por vários dias seguidos Tobias organizou várias equipes, encarregadas de diversas tarefas. Àquelas já formadas, juntaram-se várias outras e o projeto começou a tomar forma.

A princípio os trabalhadores não entendiam muito bem o que estava acontecendo e não davam muita importância àquelas atividades, trabalhando ainda apáticos como antes. Mas à medida que as equipes foram se entrosando e criando padrões de trabalho organizado e cooperativo, muitos foram se animando e trabalhavam mais felizes e até alguns sorrisos e risos, bem raros anteriormente, começaram a ser vistos e ouvidos naquele vale.

Alguns meses depois. Os dois guardas saíram da cabana, logo pela manhã e caminhavam descontraídos em direção ao local que iam diariamente e ficavam observando os trabalhadores, de repente levaram um grande susto. Enfileirados à sua frente estavam todos os trabalhadores parados. — O que está acontecendo? Por que estão parados? Vão trabalhar!

Tobias se adiantou um pouco dos demais e disse: — Não vamos mais. - Os dois se assustaram mais ainda. Um deles disse afobadamente: — Serão chicoteados. — Todos nós? — Perguntou Tobias apontando as centenas de trabalhadores.

Percebendo a perplexidade dos guardas, Tobias os tranquilizou: — Não se preocupem, está pronto. — Pronto? O que é que está pronto?

Percebendo que era uma situação inusitada, para a qual não estavam preparados para lidar, o segundo guarda puxou o primeiro e disse: — Vamos chamar o Arcanjo.

Logo saíram da barraca, só que desta vez os dois já conhecidos eram acompanhados de um terceiro, que parecia ser o chefe deles. Vestia uma armadura semelhante a dos dois, só que mais requintada e brilhante, um grande capacete e uma grande espada.

Dirigiu-se energicamente a Tobias, que permanecia à frente dos demais trabalhadores: — O que está acontecendo aqui? Por que estão parados? - Tobias se dirigiu a ele respeitosamente:

— Está pronto senhor! - Pronto? O que é que está pronto? - Tobias indicou com a mão direita: — Veja o senhor mesmo. - O chefe da guarda retirou do bolso algo que parecia uma agenda e começou a consultar, em seguida tirou seu capacete, jogou de lado e disse: — Não estava previsto para acontecer agora! Mas realmente — elevando bastante a voz gritou: — **ESTÁ PRONTO!**

Enquanto os trabalhadores comemoravam os guardas foram retirando suas armaduras e deixando conhecer sua verdadeira identidade. Quando tiraram as armaduras, tornaram-se translúcidos, brilhantes e luminosos como algo celestial. Agora não havia mais dúvidas, eram três anjos. Os trabalhadores se reuniram em volta deles e se ajoelharam rezaram e pediram que explicassem o que estava acontecendo. O arcanjo explicou:

— Este é um lugar de purificação. Vocês todos são vitoriosos, foram agraciados com a possibilidade de caminhar para o Paraíso, porém ainda não estão prontos para Ele e devem cumprir algumas missões, acostumarem-se com novas realidades, antes de poderem ser encaminhados ao Paraíso.

Os trabalhadores comemoraram novamente. Um deles perguntou: — Senhor o que faremos agora?

— A tarefa de vocês era trabalhar organizadamente fazer algo de útil, poderia ser qualquer coisa: um barco, uma ponte sobre o rio, etc. Fizeram uma casa, ficou muito bonita e eu considereei a missão cumprida. Terminaram bem antes do prazo estipulado, vocês ainda teriam vinte e dois anos para concluir. Portanto nestes vinte e dois anos vocês podem escolher: voltar a dormir ou cumprir outras missões.

Quase todos responderam: — Queremos outras missões.

- Antes de partir tenho ainda uma surpresa para vocês, como eu disse antes, em um grupo como este há pessoas com diversos níveis de purificação e há alguns entre vocês que concluíram, com esta missão, a sua purificação e seguirão comigo para o Paraíso.

Houve um grande silêncio e todos permaneciam em oração profundamente concentrados. Depois de alguns minutos começou a ouvirem-se alguns soluços entre os trabalhadores, como alguém que começasse a chorar. Dentre os trabalhadores alguns

começaram a transfigurar-se, eram seis no total, suas vestes ficaram alvas e eles brilhavam, então houve uma grande comoção e todos queriam abraçá-los.

Então os nove, dando adeus aos demais trabalhadores se retiraram abraçados. Houve certa desolação entre os que ficaram, foi muita emoção naquela manhã. Combinaram que descansariam por alguns dias e depois também partiriam.

Algumas semanas depois alguns acharam que já era hora de partir, reuniram um pequeno grupo, entre eles estava Tobias. No dia combinado para partir, Tobias acordou bem cedo para participar da última alvorada naquele vale, ainda no lusco-fusco da madrugada. Observava tudo: o frio e brilhante orvalho que cobria a relva e os arbustos, a bruma fumegante que subia do rio e envolvia as árvores e a cabana formando um ambiente tão fantástico que fustigava sua alma com sentimentos tão agudos que transcendiam a razão, não lhe era possível identificar sua natureza. Ele ajoelhou-se, molhou as mãos no fresco orvalho e levou ao rosto, amalgamando aquela água límpida e divina com suas humanas e latejantes lágrimas que brotavam abundantes.

Depois daquele momento de contemplação e adoração, reuniu seu grupo e começaram a subir a montanha, do alto dela avistaram dois enormes vales e muitas comunidades cada uma com uma incumbência a cumprir.

Caminharam um pouco mais e encontraram uma linha de trem de ferro, seguindo a linha, pouco mais à frente chegaram uma pequena estação; aguardaram nela por algum tempo e logo viram um trem aproximando-se e parando suavemente à frente deles. Embarcaram e o trem partiu, movia-se com tanta suavidade que parecia flutuar. Um intenso sono se apoderou deles e em pouco tempo todos adormeceram.



## Lolô Fonseca



Maria de Lourdes Torres de Almeida Fonseca é graduada em Administração de Empresas, com pós-graduação em Marketing Estratégico e de Varejo. É casada com Vanderlei Lopes da Fonseca e tem três filhos – Regina Lúcia, José Mário e Vitor.

Trabalha nos Correios, onde se dedica à Filatelia. No campo literário, escreve crônicas, poemas e discursos, além de biografias e textos sociais. Ocupa a Cadeira 35 da Academia de Letras e Música do Brasil.

Nasceu em Belém do Pará e escolheu ser chamada de Lolô Fonseca nos meios literários, a fim de separar a escritora de outras funções que exerce. Gosta de música, cinema, teatro, literatura e de outras formas de manifestação artística.

## ***A mãe, sua dor e uma camisola***

Tudo parecia calmo na Rua 40 de meu bairro. Todas as portas estavam fechadas. Em algumas frentes, apenas os cães ladravam à espera que alguém aparecesse para dar-lhes bom dia. Porém, isto só aconteceria se os moradores se dispusessem a afastar os lençóis na fria madrugada.

Na casa 12, no entanto, Dona Marilda não dormira a noite toda, pois, seu único filho, Bruno, ainda não havia chegado, certamente envolvido com os amigos dos bares, sob os efeitos do álcool.

No auge de seus 23 anos, a história de Bruno se complica com as consequências do uso de substância lícita, comprada em cada esquina de rua. – o álcool.

Sim, o álcool é a droga da esquina. É a droga que se encontra no primeiro bar ou restaurante, pronta para ser ingerida por aqueles que a descobriram em algum momento de suas vidas.

A mãe de Bruno sente-se impotente para ajudar o filho, que, lamentavelmente, já considera um caso perdido. O rapaz parou de estudar, não busca trabalho e não consegue encarar a luz do dia. Rejeitado pelos parentes, só encontra abrigo nos bares, entre os iguais, e na penumbra de seu quarto, sempre escuro, de janelas permanentemente fechadas e abrigadas por pesadas cortinas. De vez em quando sua mãe entreabre, sorrateiramente, a porta e olha de soslaio, rezando para que o filho esteja lá, vomitando entre os lençóis, roncando seu próprio infortúnio.

Naquela noite, fria de dezembro, já perto do Natal, Bruno chegou de madrugada fazendo grande barulho e derrubando o portão eletrônico da casa, que, imediatamente, parou de funcionar. Não conseguira sair do carro, debruçado sobre o volante, tendo o som no mais elevado volume. Dona Marilda fica desesperada e não consegue agir com serenidade pensando no que os vizinhos achariam da situação deprimente. Provavelmente chamariam a polícia. Tudo naquela cabecinha se misturou de repente, e uma vontade imensa de gritar foi mais forte que qualquer ação. Porém, ficar inerte foi a melhor decisão. As lágrimas rolavam de seus olhos de mãe, que começou a andar de um lado ao outro à frente da casa, rezando em voz alta, desesperada com aquela doença que estava levando o seu filho ao mais deprimente dos mundos.

O cachorrinho da casa, chamado Bidú, pulava e latia desesperadamente. Em dado momento, entrou pela janela do carro e começou a lambe o rosto do rapaz e a passar-lhe as patas pelo corpo inerte. Na tentativa de afastar o animalzinho, dona Marilda sentiu que algo estava errado e que Bruno se encontrava muito mais que embriagado. Talvez estivesse morrendo. Bidú latia cada vez mais forte tentando reanimar o seu querido amigo, sem que este desse sinal de vida.

Tudo acontecia tão depressa e sem lógica, como se os elos do bem e do mal estivessem entrelaçados, formando uma enorme corrente circundando a vida. Até que dona Marilda soltou o seu grito de socorro. Seu filho estava morrendo! O grito foi alto e desesperado, acordando a rua inteira. Os vizinhos foram chegando, um a um, uns correndo, outros com passadas hesitantes, tentando compreender o que estava acontecendo, e alguns já se posicionando junto ao carro, abrindo a porta e retirando o jovem que agonizava. Em meio

ao sufoco, um vizinho mais tranquilo e experiente telefonou para o Corpo de Bombeiros, que, em apenas 20 minutos, com sirenes barulhentas, entrou na Rua 40 para cumprir sua missão. Um paramédico tentou reanimar o rapaz, sem sucesso. Colocaram-no em uma ambulância e rumaram para o Hospital de Base de Brasília.

Dona Marilda foi ao lado do filho segurando-lhe a mão. Sentiu um forte cheiro de álcool e notou que suas roupas estavam muito sujas. Depois olhou para si mesma e viu que ainda estava de camisola. No momento desesperador, esqueceu-se de trocar a roupa ou mesmo vestir um robe. Nada do lado de fora importava. Tanto fazia estar vestida ou totalmente nua. Seu coração estava vestido de preto, coberto de solidão testemunhada por uma rua inteira e um cãozinho.

Divorciada, não tinha o pai de Bruno para dividir o momento. Sentiu-se cansada e ansiosa para que a ambulância logo chegasse ao Hospital, até que um breque forte a fez entender que o carro havia chegado ao seu destino.

Estava naquele hospital o destino de Bruno. Porém, o seu coração de mãe dizia-lhe para estar preparada. Sentia que havia perdido o seu filho para o álcool, para a noite e para a morte. Seu filho tinha escolhido viver os últimos 5 de seus 23 anos, solitário, sem amigos, sem família e sem horizonte. Dona Marilda estava muito elegante em sua camisola, demonstrando que esse era o traje adequado para a acompanhante de um ser tão franzino, sem ambições, sem resistência e perspectivas. Era o traje adequado para a mãe de quem nada pediu da vida se não o fracasso.

Dona Marilda foi orientada a esperar enquanto os médicos prestavam os primeiros socorros a Bruno. Foram minutos intermináveis. Pensou em sua casa, lembrando que havia esquecido o celular e, também, que Bidú havia ficado do lado de fora. Seu coração foi ficando calmo. Sentiu que tinha muito a fazer apesar da sorte do filho. Um coração aflito jamais desiste. Um coração guerreiro é capaz de resistir aos mais terríveis dos vendavais. E foi assim que aconteceu naquele hospital onde a vida clamava por socorro. Depois de mais ou menos meia hora, um médico a chamou e disse que lamentava muito, porém, seu filho havia sofrido uma parada cardíaca e que nada pode ser feito para salvá-lo.

Dona Marilda não chorou, não ficou desesperada e, ao invés disso, assumiu a sua nova posição no caso. Precisa fazer mil coisas. Precisa avisar as pessoas, os parentes, os amigos e o pai de Bruno. Naquela situação usaria a máscara da coragem e do bom senso necessário à execução de sua triste tarefa.

Lembrou-se de que não havia trazido a bolsa e de que estava sem recursos para voltar para casa com a sua transparente camisola. Foi caminhando para a saída do hospital, quando, de repente, um vizinho a chamou dizendo-se ali para ajudá-la. Olhou ao redor e viu outros vizinhos da Rua 40 fora de seus carros oferecendo-lhe ajuda. Dona Marilda não sabia o que dizer, mas estava convicta do que fazer. Voltaria para casa, trocaria de roupa e prepararia a festa de despedida de seu filho, que havia sucumbido tão sinistramente, intoxicado pela droga. Nunca mais ela seria machucada pela violência de quem não consegue dominar o vício e nem buscar um novo caminho. Ela também viveu embriagada pela depressão e tristeza profunda causada pela impotência ante o estado frágil e aterrorizante de um filho alcoólatra.

Em meio a tudo isso, algo novo estava surgindo em sua vida. Os elos do bem foram superiores, mais fortes. Quis o destino que Bruno se recolhesse, descansasse e partisse.

Dona Marilda não estava mais sozinha. Poderia dormir em paz todas as noites, sem a amargura de esperar o filho perdido noite afora, ao relento, à mira de delinquentes. Dona Marilda ainda teria muita coisa para fazer, além de abrir sorratamente a porta do quarto de Bruno, com medo de acordá-lo ou, simplesmente, não enxergá-lo em sua cama.

Ao chegar a casa, após agradecer aos vizinhos, Dona Marilda correu ao seu quarto e trocou de roupa. Dobrou a camisola transparente e vestiu o seu melhor vestido. Entrou no quarto do filho, escancarou a porta e abriu totalmente a janela, pela qual um belo dia ensolarado dava sinais de vida e alegria. Os passarinhos rodopiavam pelas redondezas e cantavam harmoniosamente. Rezou. Pediu a Deus que compreendesse a sua lucidez e que uma nova luz entrasse por aquela janela, que manteria sempre aberta. Ligou para a funerária e encomendou a melhor urna, a melhor decoração e chamou um táxi.

Foi à igreja de sua Paróquia solicitar a presença do Padre no funeral. Correu ao hospital para liberar o corpo de seu filho, transferindo-o para uma das capelas do Campo da Esperança. Tudo foi feito com o máximo de competência, de solidariedade, carinho e determinação. A parte burocrática foi feita e tudo transcorreu com serenidade e leveza. Às 16 horas, quando tudo terminou, Dona Marilda se lembrou de como tudo ocorrera e concluiu que seu filho não havia morrido naquele dia, mas, sim, no exato momento em que tomou o primeiro gole de álcool, aos dezesseis anos.

Voltou para casa em companhia dos vizinhos da Rua 40, que, agora, estava de luto. O cãozinho Bidú estava firme, correndo de um lado ao outro, à procura do único homem da casa. No entanto, como se estivesse compreendendo tudo, neste dia, sentou-se ao lado da única presença da casa. Ficou quietinho, deitado, com os olhinhos abertos, companheiro silencioso, solidário e triste.

É assim que as coisas mudam e as pessoas partem e ficam. Não existe uma regra.

Apenas se altera a forma de reagir ante o triste momento da separação. E, no caso de Dona Marilda, entre o coração, o pensamento e a solidão, estavam o alívio e a aceitação ao fim evidente de quem escolheu a pior estrada. E, agora, ela viveria com suas lembranças, saudades e em paz entre os vizinhos da Rua 40, testemunhas da maior dor de sua vida.

## Maria Eugênia Souza de Athayde Nunes



Poetisa, palestrante, instrutora em cursos e oficinas no setor público e privado. Assistente Social pela Universidade de Brasília. Possui especialização em Terapia Familiar Sistêmica pela Agora & Academia Terapêutica. Pós-graduada em Educação para a Terceira Idade pelo CETEB/GAMA FILHO, e Administração e Planejamento em Projetos Sociais – GAMA FILHO.

Possui formação: em Coaching para atuação com Pré-aposentados, pela empresa Estilo Profissional e em Coaching Evolutivo pelo Instituto Internacional de Coaching. Membro do Internacional Coaching Federation – ICF. Membro do Sindicato dos Escritores do DF. Coordenou a realização dos Congressos Brasileiros “Saúde e Aposentadoria” pelo Instituto Agilita; Atuou como Assistente Social nos Correios, na coordenação de ações

sociais corporativas. Desde 2007 integra a equipe da Gerência de Carreiras, no Departamento de Desenvolvimento Organizacional e de Pessoas dos Correios, onde atua em ações voltadas para a implantação de ferramentas voltadas para o desenvolvimento de pessoas (coaching, mentoring e storytelling)..

## **A Dúvida**

Sandra nasceu no litoral do Rio de Janeiro, no fim da década de cinquenta. No dia em que completava vinte anos, celebrava também o pedido de noivado com Miguel. Eles moravam na mesma rua. Uma rua bucólica, sem saída, no bairro de Copacabana, que ela conhecia desde sempre. Ele era novo no bairro. Chegara há pouco tempo, oriundo de Recife.

Miguel contava trinta e dois anos. Possuía uma tez parda, um metro e oitenta e seis de altura, olhos castanhos claros, cabelos castanhos escuros e encaracolados. Era descendente de espanhol.

Sandra era branca, de cabelos pretos e lisos, com olhos castanhos esverdeados, um metro e sessenta e cinco de altura. Apresentava um jeito delicado e gracioso. “Parecia ter sido feita à mão”, algo dito sobre ela, na voz da avó portuguesa, de nome Alzira.

Ambos eram bonitos. Impossível esquecer que os dois traziam traços evidentes da presença do índio brasileiro. Eles eram mestiços.

Apaixonaram-se desde quando os seus olhos se encontraram pela primeira vez na descida da rua. Ela indo para a biblioteca da universidade onde cursava antropologia, e ele voltando do escritório de engenharia. É fato que não esqueceram da primeira vista, que lhes deu um encantamento sem igual. Deste dia em diante passaram a encontrar maneiras de esbarrarem na rua.

Miguel queria aproximar-se daquele “broto” que espalhava viço e sensualidade, com naturalidade impressionante. Depois de estudar os horários das idas e vindas da moça decidiu planejar o encontro. Marcou o dia no calendário. Quando estava próximo da hora tão esperada foi até a janela. Ficou à espreita por alguns minutos. Sentia-se inquieto, estava “num pé e no outro”, até que resolveu sair. Caminhou lentamente pela calçada até o carro. Abriu a porta e começou a fingir que procurava algo. Este era o cenário projetado para a abordagem.

Finalmente ouviu o som do portão batendo. Seu coração deu um sobressalto. Era ela. Estava linda. Exalava simplicidade e jovialidade com o cabelo preso em um rabo de cavalo. Exibia suas formas, vestida numa calça jeans com uma camiseta colorida em tons de verde, que lhe ressaltavam os olhos. Nas mãos uma prancheta. Levava consigo uma bolsa tiracolo de couro. Miguel atuava entre a contemplação e a pressa aguçada de seus hormônios. Nesse ínterim assumiu o autocontrole para cumprimentar a moça com uma saudação em alto e bom som. Era peculiar para ele agir com presença e segurança, embora a moça fosse de tirar o fôlego.

Sandra ruborizada sorriu em retribuição ao cumprimento. Viu diante de si o rapaz, a quem ela também espiou curiosa, durante dias. Voltou a sorrir timidamente, com brilho nos olhos. O rapaz foi direto ao assunto:

- Tenho observado você todos os dias. Mudei para cá não tem muito tempo, meu nome é Miguel e moro no prédio vizinho ao seu. Já sei que neste horário costumas ir para a

biblioteca estudar. E, por obra do acaso conheço teu irmão Antonio, que trabalha em uma empresa parceira do escritório de engenharia, do qual faço parte.

- Quero conhecê-la senhorita Sandra. Aceita uma carona?

A moça excitada diante da surpresa, nem teve tempo para recusar. Tudo acontecia muito rápido. Faltou pouco para ela dizer que também tinha informações sobre ele, e que estava muito interessada. Resolveu aguardar para ver o que ocorria. Aceitou a carona. Ao longo da viagem conversaram como se fossem velhos conhecidos. Experimentavam uma alegria ímpar. Em alguns momentos conseguiam perceber as pausas que faziam. Era puro deleite. O caminho deslizava e o tempo transcorria impiedoso. Eles compartilhavam uma sensação única e paradoxal. O tempo parecia não existir. Viviam o transcorrer da circunstância.

De repente perceberam que estavam diante da biblioteca do campus universitário. Era a realidade que vinha despertá-los. A moça agradeceu a gentileza. O rapaz rapidamente aproveitou a oportunidade e a convidou para uma outra carona no dia seguinte. Sandra retrucou com um sinal afirmativo. Ficaram assim combinados.

Ambos seguiram para os afazeres absorvidos pelos pensamentos, sensações e lembranças do encontro. Miguel continuou dirigindo, ligou o rádio em sua estação predileta, instante em que entrou no ar a música dos Beatles: Let it be. Enquanto ouvia a música decidiu que iria tomar um café, e ler um jornal. Precisava voltar à realidade para encontrar a sua ordem interior. Precisava retomar a racionalidade. Sandra neste dia não conseguiu concentrar-se nos estudos. Sua alma queria dizer poesia, os pensamentos iam e vinham impertinentes a provocar-lhe.

Os dias passaram. Com as idas e vindas dos dois, em novos encontros, rapidamente ascenderam para a fase do namoro. A atração entre eles era forte. As famílias faziam gosto no relacionamento. Sandra começou a ficar preocupada quando o namoro ficou sério. Miguel tratava de fazer todos os cálculos possíveis e imaginários sobre o futuro do relacionamento. Ele queria casar com ela.

A força de suas diferenças distraía quem os visse juntos, da pujança de suas semelhanças. Diferentes em suas personalidades e fases de vida. Ele estava na idade em que os homens normalmente cedem para o casamento. Quanto a ela por ser sonhadora pensava em muitas coisas, por exemplo, em mudar o mundo. Desejo das jovens de sua idade. Vivia compelida a se inventar para acompanhar o tom predominante dos movimentos sociais protagonizados por mulheres em efervescência. Sandra era atuante no grêmio estudantil. Participava das reuniões oficiais e das clandestinas, não era um tempo de muitas facilidades no Brasil. Este fato era desconhecido pela família.

Ela tinha consciência de que um namoro sério, seguido de noivado eram etapas que a levariam ao altar. E, casar poderia ser o fim dos sonhos. Passava horas a imaginar e a questionar como seria a vida quando se casasse: - Repetir os papéis desempenhados por sua mãe e sua avó? Cuidar da casa e dos filhos. Como iria mudar o mundo? Por outro lado, quais seriam as oportunidades que ela teria como antropóloga? Pensava em se aventurar em estudos étnicos de grupos indígenas brasileiros. Como seria a vida se renunciasse ao casamento? As reflexões freqüentes não impediam a entrega silenciosa do seu ser que seguia a trilha para o casamento. Prosseguia em atendimento aos seus anseios femininos, porque não dizer instintivos. Ela nunca imaginara que um dia pudesse se apaixonar.

Sabia que precisava ter uma conversa definitiva com Miguel. Ter a certeza de que ele compreenderia a natureza de suas preocupações, e que não impediria o seu futuro profissional. Já tinham tido longas conversas, sobre o tema, porém estava insegura. Precisava de um acordo que garantisse o seu lugar no mundo do trabalho. Senão para que tanto estudo? Sentia a vocação e o desejo de amar arder no peito. Dentro dela havia uma fêmea que ansiava por seu destino de mulher. Queria o homem. Queria o ninho. Queria filhos, mas também queria a antropologia.

Sandra estava diante de um dilema. A sua cultura familiar era de mulheres que viviam para o lar. Sua avó e mãe eram especialistas em “prendas domesticas”. Entre as tias, duas não se casaram. Optaram pela vida profissional, eram servidoras públicas. E pelo que recordava, também não eram mulheres que lhe inspirasse felicidade. Obviamente as famílias de um e de outro desejavam o casamento deles. Todos de alguma maneira faziam planos.

A moça pensava nos compromissos assumidos, perante si mesma. Lembrava de padre Geraldo, amigo da família, coordenador do grupo de jovens do qual fizera parte no auge da adolescência, e a quem ela interrogava durante os almoços de família, sobre uma série de questões relacionadas à cultura, a sexualidade, ao planejamento familiar, a justiça social entre outros temas de interesse. Agora ela tinha que compreender o próprio mundo, a sua cultura e a cultura de Miguel.

Percebia-se em conflito. Sonhos, valores e cultura familiar embaralhavam em sua mente como cartas de baralho em busca de respostas. O que realmente queria? Sentia que seria difícil uma vida com um “pé na terra e outro no céu”. Sabia que reconhecer à circunstância era a metade do caminho para a solução.

Em sua mente reverberava a idéia de que neste cadinho havia insumos para uma boa historia do seriado predileto “Malu Mulher”. Com estes pensamentos Sandra caminhava com a mãe em direção a costureira que iria fazer o vestido de noiva. De repente sorriu com um sorriso maroto. Uma reflexão a pegou de surpresa. Será que alguns homens ao invés de despertar uma mulher as fazem dormir? Era o tal do “Paradoxo” uma das palavras prediletas. Que expressava a doce agonia do vai e vem de sua imaginação.

Estar nesta situação seria responsabilidade da avó Alzira? Uma eximia contadora de historias de príncipes e princesas, que agora lhe assombravam. Seria a cantilena de algumas professoras que a influenciara, afinal, havia nascido no pós-guerra, e por isto não estava impune. O mundo havia mudado. Ela era parte deste contexto, mas qual era a parte dela que não acompanhou a mudança? Precisava investigar. Em meio a este solilóquio resolveu no caminho convidar a mãe para um café. Ao entrarem no estabelecimento ouviu baixinho a musica “Let it be”.



## Milton Avelar de Carvalho



Nasceu em 1961, na Fazenda das Posses, no município de Itaberaí, Goiás. No entanto, nunca esteve nessa cidade. Devido à proximidade maior com a cidade de Itaguaru, foi registrado nesta, como natural daquela. Ainda bebê, seus pais mudaram-se para Padre Bernardo, no entorno do Distrito Federal, onde passou a infância e a adolescência. Foi o décimo em uma família de doze irmãos, sendo o primeiro goiano, após nove irmãos mineiros.

Reside em Brasília, onde é funcionário de carreira do Banco do Brasil. Graduado em letras pela Universidade Estadual de Goiás, escreveu diversos contos e crônicas, porém sem editá-los.

Em 2012, publicou o romance “Projeto Terra”.

“A Gameleira”, seu novo livro, está em fase de lançamento.

É afiliado ao Sindicato dos Escritores de Brasília.

## ***O Paraíso de cada um***

Não queria estar ali. Não era o tipo de causa que costumava aceitar, mas, a contragosto, por dever de gratidão e afinidade, tinha que enfrentar seus princípios e seus escrúpulos. Por mais que fosse contra suas convicções, jamais deixaria desamparada uma pessoa com a qual, por muitos anos, mantivera laços fraternos.

Olhou os papéis em sua pasta, conferiu os laudos e voltou a olhar a porta da sala de audiências. Nada. O Juiz não dava o ar de sua graça.

Atendeu ao celular. Enquanto dava instruções ao colega que cuidava de sua verdadeira causa, olhou para a pessoa a quem deveria defender, que era o motivo de estar ali, perdendo seu precioso tempo, e, sem que percebesse, sua mente voltou ao passado.

A ligação terminara há alguns segundos, mas o aparelho permanecia na mão, como se ainda estivesse ligado. O pensamento estava longe. Muito longe. Não apenas no espaço, mas também no tempo. Vinte e um anos atrás, mais precisamente. O dia em que se viram pela primeira vez.

Sua mente buscou as circunstâncias que levaram ao encontro. O que se lembrava de memória e o que lhe contaram.

Cipriana olhou as enormes nuvens e alguns pequenos pontos que podia ver no solo, a uns nove mil metros abaixo. Desviou o olhar, sacudindo a cabeça com um arrepio, e ficou a contemplar a filha, que olhava extasiada pela janela do avião.

“Que será da minha pequena”? - pensou. “Que é que vamos fazer em Brasília”?

Lamentou a ausência do marido: “Que será de nós, sem ele”? “Por que tem que ser assim”?

A falta do companheiro não era apenas enorme, era o motivo de estarem ali.

“Oh, Josias! Por que foi se meter com aquela gente”? O lamento quase saiu em voz alta. Enxugou uma lágrima silenciosa e continuou suas recordações, acariciando os cabelos negros da filha.

Sabia que nada poderia ter impedido Josias de fazer o que fez. Era do seu temperamento. Ele não nascera para ser capacho. Era de família que tivera alguma posse, teve um pouco de estudo e trabalhou na capital. O desemprego o obrigara a voltar e cuidar do roçado que seu pai deixara de herança. Tirava o sustento do pouco que sobrara do patrimônio da família: uns poucos e secos hectares do agreste.

Cipriana sabia que era a maior responsável por ele não ter voltado à cidade grande. Quando se casaram, ele decidira de vez fincar raízes no sertão.

Só quando nasceu a pequena, ele começou a cogitar a possibilidade de voltar à civilização. “Ela terá estudo. Ela é uma vencedora. Não será um bicho do mato”, dizia, deixando transparecer a paixão pelos livros. Talvez por imaginar a filha uma vencedora, ao dar-lhe o nome, homenageou as nordestinas que ele admirava: as revolucionárias Bárbara Pereira de Alencar e Maria Quitéria, e a imortal Rachel de Queiroz.

O nome da menina ficou: Bárbara Quitéria Raquel Caldeira. O “Raquel” foi um descuido do pai, que não conferiu se o escrivão sabia escrever o nome da grande escritora.

A vida era difícil, mas, nos últimos anos, piorara muito. Os períodos de seca eram inclementes e cada vez mais longos. Tentavam blindar a pequena, mas, vez em quando, até ela era atingida. Para piorar, vieram os exploradores. Homens que lucravam com o trabalho escravo e com a exploração da população carente.

Josias, que na capital não suportava injustiças e lutava por sua categoria e pelas minorias, não ficou calado. Denunciou, lutou como pode e seu apelo por justiça ganhou notoriedade.

Infelizmente, ganhou também o ódio daqueles que se sentiam prejudicados. Para a ambição desmedida, o lucro vale uma vida humana: foi de tocaia que levaram a de Josias. Era preciso tirar o estorvo do caminho.

O avião taxiou pelas pistas do Aeroporto Juscelino Kubitschek, em busca da área de desembarque. Cipriana abraçou a filha e deixou sair o ar dos pulmões, com grande alívio. Não tinha demonstrado medo, para não contagiar a filha, mas só Deus sabia o que passara enfrentando seu primeiro voo.

Tudo era muito diferente. Nunca tinham ido a uma cidade com mais de cinco mil habitantes. Para as duas, tudo era enorme e belo. Os homens que as trouxeram falavam que era para protegê-las, que Cipriana era a principal testemunha e que eles não podiam prender ninguém sem provas. Que seu marido ficara famoso como o Chico Mendes e que o governo tinha que cumprir sua obrigação.

A casa era enorme. Mesmo para Cipriana, parecia ser um castelo de contos de fadas. Fora muita bondade da parte do desembargador, recebê-las em sua residência.

Passados os primeiros constrangimentos, foram encaminhadas para seu quarto, uma dependência de empregada, nos fundos, pobre, para o resto da casa, mas, para elas, de um luxo que nem imaginavam existir.

A empregada ensinou-lhes a utilizar o chuveiro e os sanitários. De banho tomado, com roupas simples, mas limpas, apresentaram-se à família, como fora solicitado. Enquanto Cipriana, encabulada, mas altiva, preparava-se para a conversa de adultos, a pequena Bárbara se aproximava da única criança da casa, com os olhos arregalados, sem piscar, e com a boca aberta.

Bruno, um menino muito branco, mas com a pele rosada de saúde, olhos muito azuis e cabelos louros encaracolados, olhava espantado aquela menina morena, da pele queimada de sol, que se aproximava com a mão estendida, como se fosse tocá-lo para comprovar que era real.

Antes que sua mão sentisse o contato, Bárbara parou e perguntou:

- Você é um anjo?

O menino arregalou os olhos, recuou alguns passos e pareceu querer esconder-se atrás da mãe. Percebendo o que se passava, Cipriana, com autoridade, chamou:

- Bárbara. Venha cá. Tenha modos, respeite o senhor.

A menina voltou-se para a mãe e, obediente como sempre, colou em sua perna e aguardou que se resolvessem as chatas e complicadas coisas de adultos. Tentou distrair-se admirando a fabulosa decoração da enorme sala, mas a curiosidade fazia com que seus olhos buscassem a cabeleira loira do menino, que, a cada olhar, refugiava-se mais, atrás da mãe.

À noite, aguardavam a hora de se recolher, admirando o colorido especial que as luzes davam ao jardim. Apesar de acharem o quarto lindo, necessitavam de espaço, como tinham no agreste. Depois de algum tempo de conversa, ainda apreensiva e temerosa, sem espontaneidade, mas, um pouco mais tranquila, Bárbara voltou-se para a mãe e perguntou:

- Mamãe, que horas vamos ver o papai?

Cipriana retesou-se e olhou para a filha, com ar espantado e curioso.

- Que é isso, menina? Eu já lhe disse que seu pai está no céu – a forma era direta, dura, mas o tom era carinhoso.

- Aqui não é o céu? – perguntou a menina, com ar espantado.

- Não, claro que não! Aqui é a casa do Doutor Desembargador.

- Mas a senhora disse que o céu era um lugar lindo, onde ninguém passava fome, nem sede. Que a gente ia voando. A gente veio voando, não foi? Aqui tem comida toda hora e é tudo lindo. Tem água pra todo lado, até no lugar de fazer xixi.

Cipriana voltou os olhos para o jardim, contemplou o recorte que as passarelas de concreto e pedra faziam no gramado perfeito, as árvores e plantas artisticamente distribuídas e realçadas pelas luzes, todo aquele verde e o colorido das flores, e pensou no quanto o paisagista merecera a alta soma que lhe fora paga. Que contraste com a aspereza do agreste. Enxugou furtivamente as lágrimas e tratou de descobrir uma forma de fazer a filha entender a realidade. Ela ainda não completara seis anos, mas o melhor, com certeza, era a verdade.

- Não, filha. Aqui não é o céu. É lindo, mas não é o céu.

- Aquele menino não é um anjo?

- Não, filha! – respondeu, sem conter o riso. – Ele é o filho do doutor.

- Bruno Vieira de Albuquerque!

Bruno e Bárbara assustaram-se e, ao mesmo tempo, olharam para a jovem que os chamara. Rapidamente, juntaram seus pertences e a seguiram.

- Senhor Bruno – iniciou o Juiz, depois de instalados – o senhor está aqui porque seu pai é um homem de muito prestígio. Por isso, em respeito a ele, seu caso está sendo acompanhado por mim, em segredo de justiça, e não por uma corte comum. Mas aviso ao senhor, que seu pai perdeu a paciência. O senhor já passou dos vinte e cinco e esta será a última chance que lhe será dada. Doutora Bárbara, trouxe os documentos?

Assentindo com a cabeça, Bárbara retirou os papéis da pasta e entregou-os ao Magistrado, com ar melancólico. Jurara nunca aceitar a causa de um criminoso, ou delinquente. Especializara-se em direito trabalhista e tinha especial predileção por grandes causas, como a que levava seu pai à morte, mas não podia deixar de atender ao pedido do pai de Bruno. Não que lhe devesse grandes favores, mas era lhe grata, por ter acolhido à sua mãe e a ela.

Resolvida a questão da morte de seu pai, não tinham para onde ir. O Desembargador ofereceu-lhes moradia e salário, em troca do trabalho doméstico de sua mãe. Eles sabiam que teriam uma trabalhadora incansável, porque, enquanto esperava a solução do seu problema, Cipriana ajudara na lida da casa. Com o tempo, assumiu quase todo o serviço. A diferença, agora, era apenas que não era mais uma protegida da justiça, mas uma doméstica assalariada.

Se não morria de amores pelos patrões de sua mãe, não tinha, também, rancores. Eles não foram maus, apenas indiferentes. Ligados às suas profissões, tratavam-nas bem, mas sem intimidades, mantendo a distância social.

Bárbara começara a trabalhar ainda criança, ajudando a mãe. As letras, que começara a aprender com o pai, seguiu, perseguiu e conseguiu aprender. Apesar das dificuldades, cursou o ensino básico. No ensino médio, teve que estudar à noite, para ter tempo para o trabalho. Em sua dedicação e obstinação, às vezes, dormia menos de cinco horas, estudando.

Bruno, a partir dos doze anos, começara a apresentar um comportamento rebelde, desinteressando-se pelos estudos. Na adolescência, seguindo amigos pouco recomendáveis, começaram os primeiros contatos com as drogas e, com o tempo, apesar de ter tudo, os pequenos delitos.

Bárbara demorou a entender que o amigo mudava. Que o companheiro de tantas brincadeiras e fantasias estava se transformando em algo, ou alguém, que ela não compreendia.

A compreensão chegou um pouco tarde, quando não podia mais ajudar, e da pior maneira.

Estava em seu quarto, a velha dependência de empregada, preparando-se para estudar, quando Bruno entrou. Era como se ela não o reconhecesse, não era mais o seu amigo, seu confidente. Estavam com quase quinze anos, há tempos não se encontravam para conversar. As brincadeiras tinham cessado muito antes. O relacionamento era frio, não havia mais cumplicidade nem assuntos afins.

Naquela tarde, porém, ele lhe pareceu ainda mais estranho. Aproximou-se com ar afetado, um sorriso meio cínico, dizendo coisas que pretendiam ser ousadas, mas que lhe pareceram mais, desconexas. Seu jeito aparentava embriaguez.

Diante do silêncio de Bárbara, Bruno tentou passar à ação. Acariciou seu joelho, enquanto tentava beijá-la.

- Que é isso, Bruno?! – exclamou a menina, enquanto tentava empurrá-lo.

- Calma! Você vai gostar!

Bárbara levantou-se bruscamente, enquanto gritava:

- Então é isso? Casa grande e senzala?

Bruno sentou-se na cama, com ar de zombaria e perguntou:

- Vai começar com papo de literatura, agora?

- Não estou falando de Gilberto Freyre. Estou falando de nós, disso tudo aqui. Então é isso? O sinhozinho vem da casa grande, em busca da sua mucama, que deve servi-lo sem reclamar.

- Que papo é esse, Bárbara?

- Eu é que pergunto! É melhor você ir embora, antes que eu grite. – imitando as vozes de negras velhas, que vira em filmes, completou: - É mió sinhozinho i'simbora. Sinhá num vai gostá de vê Sinhozinho na senzala.

Bruno deu um sorriso cínico, girou o indicador em volta do ouvido e saiu, batendo a porta. Bárbara ficou um instante parada, depois atirou-se de bruços na cama e chorou por longo tempo.

Perdera a inocência naquele instante. Seu corpo estava intacto, mas a realidade a violentara com uma brutalidade que ela jamais esqueceria. Foi demais, para ela, perceber que era apenas um objeto, que não havia amizade, nem cumplicidade, apenas o interesse do mais forte sobre o mais fraco. Era cruel entender que não era mais a companheira, a confidente, mas apenas a filha da empregada.

Sabia que não era negra, aliás, com o trabalho doméstico e os estudos longe do sol, sua pele ficara até clara demais, mas percebia exatamente o que passavam as mulheres sujeitas à escravidão.

Bárbara olhou para o Juiz e o viu com a cabeça baixa, mergulhado no processo. Voltou a olhar para Bruno e mordeu o lábio, evitando demonstrar emoção. “Obrigada, Bruno”, pensou. “Obrigada por ter sido autêntico. Você foi cafajeste, mas foi honesto. Mostrou de cara quem era e o que queria. Se tivesse sido canalha o bastante para fingir ser o Bruno de antes, o meu anjo, eu teria me entregado por amor. Você teria profanado meu corpo, mas teria mantido minha inocência. Eu continuaria acreditando na beleza da vida, até descobrir a verdade. A decepção e o golpe teriam sido duros demais. Talvez eu não tivesse suportado”. Raciocinou um instante e completou: “Se bem que, ver você matar o meu anjo, não foi nada fácil”.

Quando veio a notícia de que Bárbara fora aprovada em uma universidade federal, no curso de direito, a surpresa foi geral. O Desembargador não acreditava. Pensara em pagar, para ela, o caro colégio do filho, mas desistira da ideia, julgando que jogaria dinheiro fora.

O episódio criou mais uma barreira entre Bárbara e Bruno. O Desembargador começou a mostrar predileção pela menina prodígio, que talvez pudesse seguir a carreira que ele sonhara para o filho.

Bruno, que estudara nos melhores colégios, frequentava uma faculdade particular, conceituada, mas conquistada mais a custa de dinheiro que mérito.

A faculdade, no entanto, não mudou seus modos. A escolha dos amigos seguia o mesmo critério. Os delitos, praticados por diversão, aumentavam o grau de gravidade. Não necessitava, podia ter o que quisesse, mas, esse foi o grande problema: a falta de metas, de sonhos e de ter o que conquistar. Tinha que preencher o vazio de alguma forma. Talvez, destruir sua vida fosse a única forma de retribuir a ausência que os pais lhe dedicaram, em suas longas e belas carreiras. Por fim, abandonara a faculdade.

Bárbara olhou longa e melancolicamente para Bruno. Pensou em como cada um dos milhões de caminhos que a vida oferece pode ser visto de centenas de perspectivas diferentes. Relembrou o invejável nascimento e o declínio do amigo. Esboçou um sorriso interno e triste. “Que ironia”, pensou, “o que, para mim, era o paraíso, o motivo de minha admiração, a meta que me impus, para Bruno, foi o seu inferno”.

## Nena Medeiros



É autora ou coautora de quase mil textos, dentre poesias, contos, crônicas, peças de teatro e letras de música (<http://www.nenamedeiros.com.br>).

Tem três livros de contos publicados: Contos Crônicos (esgotado) e Contos Crônicos 2 e Ô, Coisa Boa!. Tem outros três livros em construção: Domesticálogos (contos), Bolinhos de Chuva para Dias de Sol (poesia) e Pitacos (crônicas). Além disso, participa de coletâneas (em especial na Câmara Brasileira de Jovens Escritores), colabora em sites e blogs na Internet, revistas e no jornal Alô Brasília, onde assina a coluna “Conceito” às sextas-feiras.

Premiada e jurada em vários concursos literários, Nena Medeiros é tesoureira do Sindicato dos Escritores do DF e membro da Academia de Letras do Brasil,

seccional DF.

## ***Entre o Sonho e o Pesadelo***

O gato preto atravessou a pista à minha frente a passos lentos, preguiçosos. Ao perceber minha presença, parou, arqueou a coluna e me encarou, exibindo os olhos amarelos e cheios de rancor, deu um miado zangado e correu, desaparecendo na escuridão. Um arrepio percorreu-me o corpo, pensei em desistir.

Quando os sonhos começaram, acordava ofegante e suada, muitas vezes, chorava, desesperada. Depois, à medida que eles foram se repetindo, comecei a tomar notas dos detalhes, informações que pudessem ajudar-me e entendê-los. Agora, eles se repetiam diariamente. Bastava fechar os olhos e cochilar por alguns instantes para que as imagens surgissem, como num filme, sempre iguais. Repassei as anotações por vários dias antes de me decidir: o nome das ruas, o número do ônibus que me levaria até lá, o horário... Finalmente, a ânsia de voltar a vê-lo foi mais forte do que o meu bom senso e ali estava eu, quase chegando ao meu destino. Ainda não podia acreditar no que estava fazendo, nunca estivera naquele lado da cidade, porém minhas lembranças tinham uma correspondência absurda com a realidade: os sons de meus passos rápidos na calçada úmida da chuva de há pouco, seu eco quando passei em frente ao beco, o gato preto, o hotel: o letreiro com duas letras apagadas, a porta de ferro fundido pintada de branco acetinado, meio descascada pela maresia, os vidros embaçados. Ainda observava esses detalhes quando ouvi a gargalhada histérica. O coração saltou-me no peito. Havia esquecido deste som estridente que sempre me apavorava no sonho, essa risada de mulher que vinha de algum dos quartos acima de mim e que mais pareciam os estertores da morte de uma bruxa. Mais uma vez, congelei. Senti mesmo amolecerem-me as pernas. Podia ouvir minha pulsação, podia sentir a fúria do sangue a percorrer-me as veias. Por que não esquecê-lo, viver minha vida? Tudo estava tão perfeitamente igual até aqui... não deveria me bastar?

Sorri. Sabia que não poderia jamais conviver com esta dúvida, por menor que fosse. Por mais que as coisas estivessem se encaixando tão perfeitamente, precisava ver, só me convenceria com a mais absoluta certeza.

Mais alguns passos e vi a casa. Bonita, luminosa, flores no quintal. Sem grades. Aproximei-me. O estômago embrulhado, a cabeça doendo. Mas, agora, faltava pouco. Sabia que bastaria caminhar ao longo desta parede, passar por esta janela, por mais esta outra e enfim, posicionar-me, para vê-lo lá dentro. Agarrei a esquadria. Lembrei-me da vertigem que sentiria ao vislumbrar seu rosto, não queria estragar tudo, como nas primeiras vezes. Sim. Embora o sonho se repetisse sempre, eu era capaz de mudar algumas coisas, se agisse de forma diferente. No início, quando eu o via, desmaiava. Então, nas vezes seguintes, aprendi a segurar-me firmemente na janela, para poder vê-lo por mais tempo. E, se já tinha chegado até aqui, não ia mesmo cometer nenhum erro estúpido que me impedisse de aproveitar todos os segundos.

Não demorou muito e ele entrou. Lindo! Bem vestido, penteado... Trazia um enorme sorriso nos lábios. Seu olhar expressava a mais doce e plena felicidade. Senti a vertigem. Apertei mais os dedos contra o ferro, respirei fundo... Aos poucos, recuperei o controle. Olhei novamente. Ele vinha de mãos dadas com ela. Ela, que o roubara de mim, que quase me deixara louca, ao desaparecer com ele de minha vida, sem deixar vestígios. Os dois sentaram-se no sofá suntuoso. Ela lhe alcançou um pacote dourado. Ele estava radiante, abraçou-a com força, como costumava me abraçar, beijou-a. Senti ciúmes,



inveja, raiva. Queria entrar, matá-la, tomá-lo de volta... Ele rasgou o embrulho, de onde tirou um carrinho desses com controle remoto que eu via nas propagandas da TV, mas que jamais poderia comprar para ele. Então, eles sentaram-se no tapete fofo e ficaram brincando. Finalmente, a confirmação. Por mais que os sonhos me dissessem isso, por mais que repetidas vezes eu os tenha assistido, precisava mesmo ver com meus olhos. Ver que ele estava bem, que ele era amado, que teria uma vida infinitamente melhor do que a que eu poderia lhe dar. Ver que, nesses últimos dois anos em que eu jamais deixei de pensar nele, ele parecia ter-me esquecido completamente. Não se admira. Era apenas um bebê e eu estava longe de ser uma mãe exemplar. Sozinha, usuária de drogas, por mais que o amasse, por mais que desejasse melhorar por ele, o vício era mais forte e, acabava por descontar nele meu desespero e frustração. Já não conseguia mais disfarçar-lhe os hematomas. Lembrei do dia em que eles o levaram, da violência, da forma como ela o arrancou de meus braços enquanto o marido segurava meus cabelos e o pescoço, até jogar-me no chão como um trapo, do quanto eu quis levantar-me e tomá-lo de volta, mas apenas fiquei lá, encolhida, chorando, imobilizada pela quase overdose que havia tomado mais cedo. Olhei para ela. Tão serena, tão amorosa... Sabia que eles eram boas pessoas, ansiosos por ter um bebê como o meu, um bebê que eu acabaria por matar, numa crise de abstinência ou num transe.

Aliviada, certa de que seu destino agora seria muito melhor do que o que lhe esperava ao meu lado, soltei-me da janela e caminhei de volta para a rua.

O sonho estava perto de acabar. Este final eu tentei evitar de todas as formas e nunca consegui. Somente por causa dele demorei tanto a vir. Ouvi os passos dele, do homem que o tomou de mim. Senti seu pânico, o medo de que eu o fosse exigir de volta. Sabia que não adiantaria tentar dizer-lhe nada, mas disse assim mesmo:

- Apenas o faça feliz.

Não sei se ele ouviu, o barulho do tiro abafando minha voz.

Num último gesto de nobreza, ainda consegui retirar a faca do bolso. Queria ter certeza de que a polícia me encontraria drogada, armada e perigosa. Que ele não seria condenado pelo tiro que me esmagou os miolos. Qualquer rábula iria livrá-lo das grades sob o argumento de legítima defesa.

Meu filho teria uma família e seria feliz como eu nunca fui.

Um tímido raio de sol atravessou a vidraça, atingindo meu rosto. Acordei. Levei a mão à cabeça, procurando o sangue, o tiro. Nada. Comecei a perceber onde estava: meu quarto, minúsculo, as paredes sujas, o teto cheio de teias de aranha, a pequena janela quebrada, as garrafas e seringas vazias na mesinha de cabeceira. Com muito esforço, consegui sentar-me na cama.

As lembranças começavam a tomar forma. A tentativa da assistente social em me tomar o bebê, o enfermeiro desajeitado que me jogou no chão e a forma como eu consegui livrar-me deles e corri, agarrada ao meu filho, até em casa. Depois, uma incontrolável necessidade de um trago, uma dose... E tudo se perde numa densa nuvem de heroína e álcool.

Olho para o berço. Vazio! Um enorme desespero me domina. Meu bebê! Vieram atrás de mim? Levaram meu bebê?

Tento levantar-me mas, desequilibrada, acabo caindo novamente na cama.

Vem-me a lembrança do choro insistente... fome, dor, medo? Não me lembro. Lembro das minhas tentativas inúteis de acalmá-lo, fazê-lo calar-se.

Sinto um volume ao meu lado. Um pequeno pacote, envolto em lã. Meu filhinho! Ele dorme.

Apalpo, encontro seu rostinho. Frio. Muito frio. Inerte.

Na ânsia de acordá-lo, encontro a seringa. Uma das minhas... ainda espetada em seu bracinho mirrado.

## Paola Rhoden



Paola Rhoden, Doutora em Direito, Mestre em Administração. Premiada em concursos literários, com muitos textos publicados em antologias em vários países. Membro correspondente da Academia Cachoeirense de Letras, Academia de Letras e Artes de Goiás, Academia de Letras e Artes de Fortaleza, Academia de Letras e Artes de Vitória, membro da Câmara Baiana do Livro. Participou no ano 2000 do Programa Internacional de Literatura em Madri; em 2002 da Convenção Internacional de Escritores em New York; em 2004 da Convenção de Escritores Latino Americanos em Punta Del Leste; em 2005 da Convenção Mundial de Poetas em Lisboa; em 2007 e 2008 do Programa de Literatura da Universidade de Miami; em 2008 no VI Conclave de Escritores na Cidade do México; em 2009 na Convenção de Literatura e Arte em Madri; em 2010

na expo Literatura e Arte Cidade do México. Em 2013 de três eventos literários, em Madri, Milão e Buenos Aires

## **O Presidiário**

José ficava o dia todo olhando pelas grades de sua cela que dava para o pátio do presídio.

Seu olhar perdia-se na sombra do imenso prédio, que ora se alongava para um lado, ora para outro. O pensamento de José seguia junto.

A primeira vez que fora detido tinha treze anos. Daí para frente pelo menos uma vez ao mês ia preso. Sempre por tráfico e consumo de drogas. Aos vinte e um anos matou uma senhora idosa para roubar a bolsa. Visto por populares foi denunciado, preso, julgado e condenado a trinta anos de prisão. Agora seguia a sombra do presídio pelas grades que o cercavam e o separavam da vida lá fora.

Um dos muitos companheiros de cela ficava o dia todo entretido em um computador de mão que ganhara da namorada, e ele se comunicava com todo o planeta pela internet. Um dia o companheiro lhe aconselhou a conseguir um também. Era fácil. Só dar uma molhadinha na mão de certo carcereiro, que o computador mais internet estaria ali na cela rapidinho.

José se informou dos detalhes, e com a ajuda de alguns comparsas trouxe para a cela o seu computador com internet móvel. Com a colaboração do amigo de cela aprendeu a manusear e entender a pequena máquina. Passou a usar a internet móvel e foi um nadinha para ficar conectado com o mundo de fora do presídio, sem nenhum problema.

Entre as tantas atividades online que exercia, iniciou também contato com um site de escritores amadores e passou a publicar o que escrevia com um nome falso. Primeiro foram nostálgicos poemas vindos da solidão carcerária, mal escritos, com erros terríveis de português. Depois seguiu para uma linha crítica sobre política e seus derivados. E os moderadores do site não o incomodavam, deixando rolar os escritos mal formulados e publicados como, crônicas, artigos ou poemas. E ele prosseguiu. Recebia comentários, alguns elogiosos pela inspiração, outros tentando fazê-lo ver que estava escrevendo muito mal.

Foi se entusiasmando. Uma moça que também escrevia no site de literatura passou a insinuar-se com comentários e mensagens particulares. Ele respondia. Quando ela lhe perguntou onde morava ele disse simplesmente: Rio de Janeiro. Não mentiu. Quando solto, embora tivesse família, morava sozinho pelas ruas do Rio. Agora preso, morava no presídio, também no Rio.

E o namoro virtual iniciou. Como o amor exige contato, a moça passou a insistir em um encontro já que também morava no Rio de Janeiro. Ele desviava o assunto. O amigo de cela disse a ele para marcar um encontro e enviar um dos contatos dele para lá. Só que todos os seus contatos eram da pesada. Drogados e traficantes. Mas acatou a ideia, e a brincadeira começou. Escolheu um dos companheiros de tráfico, que por ter boa aparência, era cobiçado pelas garotas. Combinaram, e o pilantra foi ao encontro em seu lugar. Só que a garota não era só bonita. Apareceu pilotando uma bela BMW e vestindo grife famosa. Não deu outra. O corpo da moça foi encontrado na Lagoa Rodrigo de Freitas, e documentos e o carro nunca mais.

Hoje as sombras do presídio continuam se movendo ora para cá, ora para lá, mas José não as vê mais. Seu computador serve apenas para orientar o tráfico que comanda de dentro das grades.

Não escreve mais poesias.

## Rubens Neco



**Rubens Neco** nascido em São Paulo. Reside em Brasília-DF. É formado em Administração de Empresas e Marketing, e atualmente cursa Direito.

É Integrante da ANE Associação Nacional de Escritores e do Sindescritores, Sindicato dos Escritores do DF.

Sua escrita é composta de Contos e Romances, para os públicos adulto e infantil.

Participante de 26 Antologias Literárias de Contos, onde foi premiado algumas vezes, entre menções honrosas e outras classificações em São Paulo, Brasília, Santa Catarina e Rio de Janeiro.

É autor de algumas peças teatrais, onde teve como obra premiada "**Livre para Voar**", texto vencedor da melhor leitura dramática, direção e atriz, em Araruama – RJ e melhor texto no III Festival de Esquetes Elbe de Holanda- Ilha do Governador- RJ, e "**A Bruxinha**", exibido em alguns estados Brasileiros por teatro amador.

Livros publicados

**PINGO DE GENTE** - Ler Editora/ **MARCAS DO TEMPO** - Ler Editora

**O TREM DAS ILUSÕES**.- Ler Editora/ **PALCO DAS EMOÇÕES**, Usina de Letras Editora.

**PRISIONEIROS DA VONTADE** - Chiado Editora/ **CONTOS JURÍDICOS** - Ler Editora

**BRAQUE E SEUS AMIGUINHOS** - Clube de Autores/ **CONTOS FANTÁSTICOS** - Clube de Autores

Site: [www.necontos.com.br](http://www.necontos.com.br)

Blog: [rubensneco.blogspot.com](http://rubensneco.blogspot.com)

Facebook: Rubens Neco

## **O segredo**

Como dizia aquela música... “Tem dias na vida que a gente pensa que não vai conseguir... Acha melhor deixar tudo e fugir”... Assim estava minha vida. Os últimos meses não estavam sendo fáceis, tudo era complicado e nada dava certo. Após uma semana conturbada fui demitido, o que veio agravar ainda mais a minha situação. Não conseguia me firmar com ninguém, algumas moças, apesar de interessantes, não me atraíam, deprimido, não queria nem sair de casa. Solidários, meus amigos tentavam me ajudar. Convidaram-me para uma balada num bairro boêmio. Apesar do meu stress decidi acompanhá-los. Tentei me envolver no clima, até estava me distraindo. Cantamos e dançamos, as garotas se aproximavam, mas de fato eu não estava pronto para novos romances. Sentia-me angustiado com um aperto no peito. O barulho, a fumaça de cigarro e a música alta, não contribuíam para melhorar o meu estado de espírito. Apesar de curtir tudo isso, o ambiente não era propício para me motivar, e eu, sem entender por que, continuava entediado.

No meu peito havia uma marca de nascença e toda vez que me sentia apreensivo ou inquieto ela ardia e coçava. Meus amigos perceberam que eu não estava bem. Quando eu começava a coçar o peito era um sinal que estava ansioso. Levantei-me rapidamente e me despedi. Tentaram me persuadir, mas eu não estava no clima para baladas. A noite estava escura, eram duas horas da manhã, peguei meu carro e parti em direção a minha casa. No trajeto havia um acidente obrigando-me a procurar um desvio que me levou até as velhas ruas do centro da cidade. Há muito tempo não passava por aquela região, observava as ruas com prédios antigos e depredados.

Ao entrar na avenida principal da cidade meu carro começou a falhar, o motor e o câmbio pareciam estar travados. Estacionei ao meio fio. Abri o capô, mesmo sem entender de mecânica, acabei verificando algumas peças. Estava cansado e sentia o suor escorrendo em minha face. Passei minhas mãos no rosto por várias vezes sem perceber que me sujava de graxa. Olhava para os lados em busca de ajuda, mas não havia ninguém, o silêncio tomava conta do lugar. Aqueles prédios, enormes e pichados, registravam a decadência do lugar que fora uma das regiões mais prósperas.

Andei alguns passos e cheguei numa rua pequena de onde avistava a rua paralela, caminhei até o outro lado a passos firmes. O silêncio que me acompanhava era assombroso. A marca em meu peito começou a coçar e fui ficando mais apreensivo.

Olhava para trás e nada via. Ao virar a esquina algo chamou minha atenção, as casas eram lindas e conservadas, verdadeiras obras primas, a arquitetura antiga com estilos próprios em madeira, arcos de ferro, tijolos à vista, telhados sobrepostos, varandas ornamentadas e com o charme das casas do século passado. Todas tinham jardins bem cuidados ao seu redor, muros e pilares de mármore desvendavam o glamour da riqueza dos barões do café. Era impressionante o que eu via, não podia ser, onde estavam os prédios pichados e decadentes? Não entendia o que estava acontecendo, esfregava as mãos cheias de graxa nos olhos para confirmar se estava vendo mesmo tudo aquilo. Continuei a caminhar, notei um movimento numa casa à frente. Aproximei-me e antes que eu pudesse me manifestar alguns homens vieram em minha direção:

- Foi ele... Foi esse desgraçado que matou a minha filha, pintou o rosto para não ser reconhecido, segurem-no... Não o deixe fugir!

Aprisionado por vários homens que afirmavam que eu teria atirado em uma moça que estava sendo velada naquela casa. Avistei o caixão sobre a mesa, onde mulheres e crianças choravam ao seu redor.

- Vocês estão me confundindo... Eu não matei ninguém...
- Foi você sim, eu vi quando rodeava a minha casa e atirou em Aurora. Não vamos deixá-lo vivo.
- Por favor... Ouçam-me... É um engano... Eu não matei sua filha! Eu passava por aqui a procura de ajuda, meu carro quebrou!
- Carro? Em que mundo você vive meu rapaz! Não tente nos enganar.

Estava preso por braços fortes sem poder me mover, meu coração batia descompassado e o ardor do meu peito mostrava-me o quanto estava assustado. Tentava me defender dizendo que não tinha nada a ver com aquele crime. Muitas pessoas nos rodeavam e queriam me linchar, outras diziam para me entregar a polícia. O pai da moça se aproximou do meu ouvido e sussurrou algo. Fiquei espantado com a revelação, e neste momento um tiro quebrou a magia daquele cenário. Senti meu peito arder, queimando como em chamas, via pessoas ao meu redor dizendo que eu pagaria aquele crime com minha própria vida. Uma fraqueza tomou conta do meu corpo, minhas vistas escureceram, me sentindo desfalecer, cai no chão e nada mais vi.

Horas depois me sentia cansado, quase não conseguia abrir os olhos, apalpei meu corpo, ainda podia sentir meu peito ardendo. Suspirei aliviado, estava vivo, até sorri. Alguns homens levantavam-me e pedia que eu fosse embora, outras pessoas já haviam até deixado moedas como esmola, eu olhava para os lados ainda atordoado e vi os prédios velhos e pichados do centro da cidade. Coloquei as mãos no peito para verificar se havia levado um tiro e com alegria percebi apenas a minha marca de nascença, não havia tiro. Estava aturdido e confuso, caminhei em direção à rua onde havia deixado o meu carro, na esquina onde tudo aconteceu vi a placa com o nome Rua Aurora.

Não me lembro como adormeci. Foi tudo tão real, custava acreditar que foi apenas um pesadelo. Encontrei meu carro, ele pegou na primeira partida como se nunca tivesse tido nenhum defeito. Saí daquele lugar, não querendo acreditar no que havia acontecido e ainda sentia um ardor em meu peito.

Durante os dias que se seguiram sonhei várias vezes com o ocorrido, àquelas cenas não saiam da minha cabeça. Sentia-me incomodado com aquela história e iniciei uma pesquisa. Comecei pelo lugar, queria saber por que teriam dado o nome de Aurora a aquela rua.

Descobri que há mais de cem anos naquela região as ruas tinham casas com o mesmo estilo das que vi e admirei. Exatamente na rua onde tudo aconteceu uma jovem foi assassinada e o criminoso nunca fora descoberto.

Esforçava-me para lembrar o que o pai da moça havia me falado que me causou tanto espanto. Numa noite ao adormecer revi a cena de quando o velho se aproximou e sussurrou aos meus ouvidos:

“Eu sei que não foi você. O segredo da morte de Aurora irá comigo para o túmulo”.

Acordei num sobressalto. Procurei maiores informações e consegui descobrir que se tratava de uma família nobre e de influentes empresários que até hoje desfrutam da fortuna. Procurei por alguém da família e encontrei os herdeiros. Entre eles, Áurea uma bela moça, culta e elegante, que me recebeu com cordialidade. Contei a ela tudo o que aconteceu.

Entendendo minha angústia e empenhada em me ajudar conseguiu uma autorização para que pudéssemos investigar junto ao túmulo da família. Passei a frequentar a casa de Áurea. Pude notar através de fotografias a grande semelhança que havia entre ela e Aurora. À medida que nos conhecíamos melhor nos apaixonamos.

Após dias de investigação os peritos encontraram uma caixinha de metal com o nome “Aurora”, escrito em alto relevo. No seu interior encontraram uma carta que relatava os fatos da época. O velho não era pai e sim padrasto de Aurora, que se apaixonou por ela



perdidamente. Ela tornara-se numa bela jovem e dizia-se apaixonada por Marcos, um rapaz que rodeava a casa para vê-la. Enciumado e com receio de perder uma parte da fortuna herdada, com o falecimento da mãe de Aurora, tramou o assassinato, matou Aurora e posteriormente Marcos, acusando-o de suicida e passaria por vítima levando consigo este segredo.

Eu custei acreditar nesta revelação e ainda não entendi como participei desta história para poder desvendar um século depois o mistério da morte de Aurora, mas sinto que fiz parte da sua vida e que tinha como missão desvendar este segredo. Depois que conheci Áurea minha vida mudou, o stress transformou-se em motivação. Casamos e passei a administrar a herança e os bens que Aurora deixou.

Se você gostou, conte para seus amigos. Se não gostou, conte para os inimigos.